

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
COLÉGIO DE APLICAÇÃO JOÃO XXIII/UFJF
ESPECIALIZAÇÃO EM RESIDÊNCIA DOCENTE

Hérika Teixeira de Souza

Diálogos e Vivências: Geografia Escolar no Ensino Remoto Emergencial

Juiz de Fora
2021

Hérika Teixeira de Souza

Diálogos e Vivências: Geografia Escolar no Ensino Remoto Emergencial

Trabalho Final Docente apresentado ao Programa de Especialização do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Residência Docente

Orientadores:

Profa. Dra. Andreia de Souza Ribeiro Rodrigues

Prof. Dr. Bruno Muniz Figueiredo Costa

Prof. Ms. Leandro Faber Lopes

Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes

Juiz de Fora

2021

HÉRIKA TEIXEIRA DE SOUZA

**DIÁLOGOS E VIVÊNCIAS: GEOGRAFIA ESCOLAR NO ENSINO REMOTO
EMERGENCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa Residência Docente da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à conclusão do curso de especialização *latu senso* em Residência Docente.

Aprovada em 24 de agosto de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Andreia de Souza Ribeiro Rodrigues
Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF



Prof. Dr. Bruno Muniz Figueiredo Costa
Colégio de Aplicação João XXIII



Prof. Ms. Leandro Faber Lopes
Colégio de Aplicação João XXIII



Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Ms. Rosângela Nasser Ganimi
Colégio de Aplicação João XXIII

AGRADECIMENTOS

Sempre achei lindo os agradecimentos presentes nos trabalhos finais de curso. Hoje, tendo a oportunidade de escrever os meus, entendo como é realmente especial, não só para quem lê, mas também para quem escreve. Dessa forma, agradeço primeiramente a Deus, por sempre iluminar meus caminhos e por essa oportunidade de tentar externalizar minha gratidão às pessoas que me acompanharam nesse processo.

Aos meus orientadores Andreia, Bruno, Dinho e Jader. Com vocês aprendi coisas além de Geografia e prática profissional docente. Mesmo através de videochamadas, vocês me ensinaram sobre generosidade e a não indiferença pelo outro, portanto, sobre o amor. Obrigada por toda paciência e por acreditarem em mim.

Aos meus pais, Enilce e Antenor, pelo apoio e incentivo incondicional em tudo que eu faço. Aos meus irmãos, Rodrigo e Leandro, por me oferecerem toda proteção e amor. Vocês me fazem ser uma pessoa melhor todos os dias, obrigada!

À segunda turma de Especialização em Residência Docente: Maria Beatriz, Cristimara, Ana Clara, Anna Luisa, Gustavo, Solimar e Camila. Obrigada pela amizade construída e por tornarem tudo mais leve. Vocês são incríveis!

Não posso deixar de citar, também, Bel, Cassinha e João, meus melhores amigos desde o ensino médio. Depois da escola, seguimos caminhos diferentes, mas nem por isso distantes. Mesmo agora, eu envolvida com as atividades da Residência e em tempos de isolamento social, vocês conseguiram se fazer presentes em minha vida. Quero que seja sempre assim.

Ao Cássio, que chegou no meio do caminho e fez somar com toda sua tranquilidade, otimismo e parceria. Cássio, me faltam palavras para agradecer seu apoio, incentivo e paciência, principalmente nessa reta final. Obrigada por tanto. Espero um dia retribuir. Te amo!

Por fim, mas não menos importante, aos estudantes do Colégio de Aplicação João XXIII que, sem ao menos nos conhecermos pessoalmente, demonstraram tanto carinho comigo. Por eles, minha admiração.

RESUMO

O presente trabalho se insere no contexto do Programa de Residência Docente da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), desenvolvido no Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF. Tomando como referencial teórico Vigotski, a pesquisa nele contida tem por objetivo compreender as vivências de estudantes com a Geografia Escolar no Ensino Remoto Emergencial (ERE). Tendo a pesquisa qualitativa como condutora, o caminho investigativo foi a realização de entrevistas semi estruturadas. Encontra-se organizado em três momentos: no primeiro é construído uma narrativa da trajetória escolar e acadêmica da autora, no segundo suas vivências no programa de Residência Docente e no terceiro traz a respeito da pesquisa em questão. Inspirado nos estudos da heterociência e em Bakhtin, é feito um exercício de trazer os dados da pesquisa em formato narrativo, ao invés do gênero dissertativo, para que os próprios sujeitos da pesquisa digam como vivenciam a Geografia Escolar no ERE. O intuito, com isso, é alcançar uma escrita dialógica mantendo as palavras dos sujeitos equipotentes.

Palavras-chave: Geografia Escolar. Ensino Remoto Emergencial. Formação continuada. Heterociência

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|-----------|---|----|
| Figura 1 | Começando nossa travessia..... | 17 |
| Figura 2 | Banner de aprovados no vestibular exposto no centro de São João Nepomuceno..... | 19 |
| Figura 3 | Dia feliz: matrícula no curso de Geografia, 2016..... | 21 |
| Figura 4 | De um outro dia feliz: Colação de grau licenciatura em Geografia, dezembro de 2019..... | 23 |
| Figura 5 | UFJF publica edital de seleção para Residência Docente..... | 24 |
| Figura 6 | UFJF suspende atividades presenciais..... | 29 |
| Figura 7 | Colégio João XXIII prepara adoção de ensino remoto..... | 31 |
| Figura 8 | Prédios do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF..... | 33 |
| Figura 9 | Página Inicial da Plataforma Moodle..... | 34 |
| Figura 10 | Material Didático em Powerpoint: Projeções Cartográficas e as Diferentes Visões de Mundo..... | 39 |
| Figura 11 | Primeira aula ministrada no ERE..... | 40 |
| Figura 12 | Aula ministrada para o 2º ano sobre Geografia da População..... | 44 |
| Figura 13 | Aula sobre Continente Asiático..... | 45 |
| Figura 14 | Aluno apresentando características do Continente Asiático..... | 47 |
| Figura 15 | Capa do Google Jamboard: Seminário Visões de Mundo, Arte e Pensamento..... | 48 |
| Figura 16 | Aula de Geografia Urbana utilizando o Street View do Google Maps..... | 49 |
| Figura 17 | Cena do vídeo “O menino que perdeu sua Geografia”..... | 78 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| PARA SITUAR | 13 |
| PRIMEIRO MOMENTO | 16 |
| SEGUNDO MOMENTO | 33 |
| TERCEIRO MOMENTO | 53 |
| PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 57 |
| TENTANDO O EXERCÍCIO DE UMA HETEROCIÊNCIA | 60 |
| DIÁLOGOS E VIVÊNCIAS: GEOGRAFIA ESCOLAR NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL | 64 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 80 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 85 |

1. PARA SITUAR

Por tanto amor, por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz, manso ou feroz
Eu, caçador de mim
Preso a canções
Entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar longe do meu lugar
Eu, caçador de mim

Nada a temer
Senão o correr da luta
Nada a fazer
Senão esquecer o medo
Abrir o peito à força
Numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura

(Caçador de Mim - Milton Nascimento)

Vamos começar pelo começo. Meu nome é Hérika, tenho 23 anos e sou licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Assim que finalizei a graduação ingressei em um programa de pós-graduação da mesma instituição chamado Especialização em Residência Docente e pretendo falar dele um pouco mais a frente. Mas, se você está lendo isso, saiba que se trata do meu trabalho final para conclusão do curso, que recebe o nome de Trabalho Final Docente (TFD). Porém, mais do que isso, busco fazer dessa escrita uma oportunidade de “esquecer o medo, fugir às armadilhas da mata escura e descobrir o que me faz sentir”.

Concordando com Mello (2020), minha tentativa é construir um trabalho que fuja do monologismo. A perspectiva dialógica citada pela autora é baseada em Bakhtin, autor que critica a lógica de uma ciência que enclausura as palavras, que forjam “monologias”:

“Apesar de nas últimas décadas as pesquisas científicas nas áreas das Ciências Sociais e Humanas terem se beneficiado das perspectivas dialógicas e compreensivas, as escrituras de pesquisa muitas vezes ainda configuram-se como lugares monológicos, onde as considerações dos autores e autoras dão-se às costas dos sujeitos de seus diálogos de pesquisa – e a devolução dos dados não salvará ninguém desse monologismo, espécie de diálogo atrasado e apaziguador.” (MELLO, 2020, p. 239)

Para além disso, acolhendo o que diz Lopes e Mello (2016), o narrar responsivo deve considerar e abrigar cronotopias, conceito de Bakhtin que diz respeito ao encontro entre o espaço e o tempo, e todas as suas grandezas. Eu, Hérika, acabo de me formar na licenciatura em Geografia. Como professora recém formada, um outro espaço e tempo me atravessam: ser professora residente no Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF em curso de pós-graduação durante uma pandemia que assola o mundo e que tem como principal medida de contenção de disseminação do vírus o isolamento social. Dessa forma, a pandemia do novo coronavírus impôs o fechamento de escolas no mundo inteiro e como alternativa para continuar as atividades escolares respeitando o distanciamento surgiu o Ensino Remoto Emergencial (ERE).

Enxergo aqui um nó cronotópico entre uma professora estudante recém formada, uma professora residente e uma pesquisadora: “Afinal, se o “sentido da palavra é totalmente determinado pelo seu contexto (BAKHTIN, 1992, p. 106), podemos inferir que nossa existência se faz em confluências narrativas atreladas em nós (e em nós) cronotrópicos.” (LOPES, MELLO, 2016). Por isso, por fazer parte da minha existência, acredito que seja importante também trazer esse nó e outras cronotopias para o TFD.

A escrita de pesquisa, por vezes, se simplifica em uma mera transcrição de conhecimentos e resultados produzidos em campo, quando na verdade ela é o encontro do pesquisador com o seu outro e, em ciências humanas, esse outro não é um objeto mudo, mas sim o indivíduo em sua especificidade e que se expressa. Desse encontro, como nos diz Bakhtin, o sujeito da compreensão - que no caso é o pesquisador - não pode excluir a possibilidade de mudança e até de renúncia aos seus pontos de vista e posições já prontos. No ato de compreensão, como consequência, temos a mudança mútua e o enriquecimento. Por isso, acredito que o

encontro não seja apenas do pesquisador com o seu outro, mas é também um encontro com ele mesmo.

Tenho como objetivo com este TFD *compreender as vivências de estudantes com a Geografia Escolar no Ensino Remoto Emergencial*. Para tanto, tendo como princípio metodológico a pesquisa qualitativa em educação e acreditando que os sentidos atribuídos à vivência apenas o sujeito de pesquisa pode nos dizer, realizei entrevistas não estruturadas por videochamada com estudantes do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF (CAp João XXIII), onde atuei como professora residente. Inspirada nos estudos da hetero ciência do Grupo Atos - Universidade Federal Fluminense (UFF), faço um exercício de trazer os dados da pesquisa em formato narrativo, ao invés do gênero dissertativo. O intuito com isso é alcançar uma escrita dialógica mantendo as palavras dos sujeitos equipotentes.

O incômodo que nos leva a realizar a presente pesquisa é o fato de que, como professores, não sabemos o que está acontecendo do outro lado da tela de nossos computadores, digo, com nossos alunos e alunas em um contexto de ERE, já que poucos ligam os microfones, câmeras e escrevem no chat. Quando estamos em situações presenciais na escola, é mais fácil compreender as enunciações dos nossos estudantes a respeito de algo, já que há maiores possibilidades de interação nos diversos espaços e tempos escolares (sala de aula, horário de recreio/intervalo, biblioteca, cantina, ginásio, etc.) e de diferentes maneiras (linguagens orais e não orais, modos de agir e se comportar, pelos gestos, fisionomias, etc.).

Os dois conceitos centrais dessa pesquisa são vivência e Geografia Escolar. Vigotski em “Quarta aula: a questão do meio na pedologia”, define vivência como uma das unidades que a pesquisa psicológica opera. Mais precisamente:

A vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado - a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento. (VIGOTSKI, 2010, p. 686)

Já por Geografia Escolar entendo que seja tudo o que é produzido para, por e no ambiente da escola e da disciplina de Geografia. Dentro disso, não podemos

desconsiderá-la como um campo de investigação. Concordando com Gonçalves (2011):

A análise da disciplina escolar, do currículo, das manifestações peculiares da geografia na escola e fora dela, é um modo de romper com a inconstância epistêmica do professor no modo de lidar com o conhecimento e com a apropriação do processo e dos conteúdos. (GONÇALVES, 2011, s/p)

Acredito que compreender as vivências dos alunos com a disciplina é um campo de investigação e que pode ajudar nesse rompimento, o que justifica nosso interesse em realizar a presente pesquisa. Além disso, vejo nessa construção uma oportunidade para uma autorreflexão sobre a prática docente, com os movimentos que me constituem enquanto professora, ressaltando a importância do Programa de Residência Docente para a formação docente.

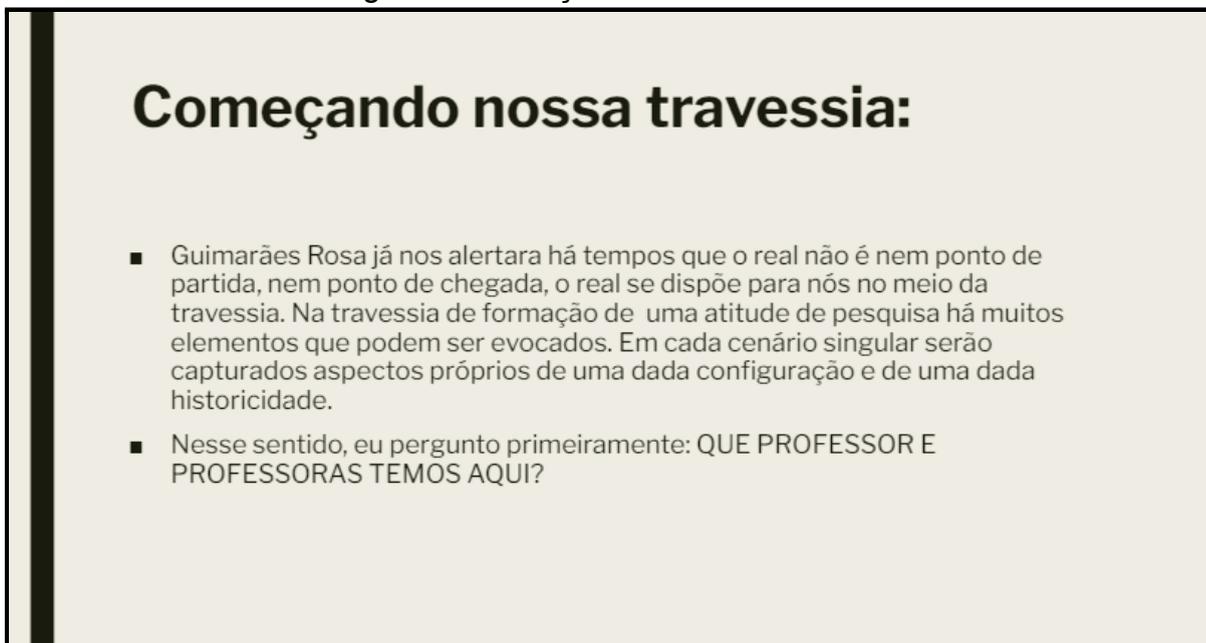
O trabalho está organizado em três momentos principais: no primeiro momento construo uma breve narrativa sobre minha trajetória escolar e acadêmica. No segundo momento perpasso por algumas vivências durante o Programa de Residência Docente. Por fim, no terceiro momento, há o meu encontro com duas estudantes a partir do nó cronotópico professora residente, professora estudante em início de carreira e pesquisadora, na tentativa de compreender como estudantes vivenciam a Geografia Escolar no Ensino Remoto Emergencial.

Partilho este trabalho com todas as pessoas que fizeram parte dele e que agora fazem parte de mim também.

2. PRIMEIRO MOMENTO

Quem elegeu a busca não pode recusar a travessia (Guimarães Rosa)

Figura 1: Começando nossa travessia



Fonte: Miranda (2020)

Inicialmente, dedico-me a escrever e partilhar um pouco sobre a minha trajetória de vida e escolar. Concordando com Tardif (2000), uma boa parte do que nós professores sabemos sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar provém de nossa história de vida e escolar, já que estamos inseridos em nosso espaço de trabalho antes mesmo de começar a trabalhar.

Minha trajetória se passa em São João Nepomuceno (MG), cidade em que moro desde recém nascida¹. Tenho dois irmãos mais velhos e todo nosso percurso escolar sempre foi feito com muito incentivo de nossos pais. Meus irmãos, por exemplo, não se dedicavam tanto aos estudos, mas com esse incentivo concluíram o ensino médio e posteriormente, ingressaram em um curso técnico, já que não tinham interesse pelo ensino superior, ao contrário de mim.

Em maior parte, minha trajetória escolar se passa em escolas públicas: o pré-escolar, o ensino fundamental I e o ensino fundamental II foram cursados, em escolas municipais. Apenas o 6º ano do fundamental II foi feito em escola estadual. Mas, no 7º ano, conseguimos uma transferência para uma escola municipal de referência cidade.

¹ Nasci em Cataguases (MG) no ano de 1997.

Já o ensino médio, tive a oportunidade de realizá-lo em uma escola particular junto com o ensino técnico em Informática. Essa oportunidade se deu através da oferta de bolsas integrais para aprovados no processo de seleção, feito por meio de uma avaliação com questões de Português e Matemática. A minha aprovação foi motivo de muito orgulho e satisfação, principalmente dos meus pais, por eu ter a chance de estudar em uma escola com uma boa infraestrutura e recursos sem nenhum custo. No período da manhã, até 12:20h, eu cursava o ensino médio e às 13:30h iniciava o curso indo até 17:00h. O período integral fazendo com que eu passasse o dia todo na escola e a noite em casa estudasse para as provas e fizesse as atividades. Apesar de cansativo, não era um problema para mim pois sabia que isso era necessário para alcançar meus objetivos.

Foi assim que no final de 2015 concluí o ensino médio já com a formação de técnica. A Informática não foi uma escolha, era o único curso ofertado e para garantir a bolsa era preciso cursá-lo. Mas, apesar disso, eu até gostava do curso e com ele hoje eu consigo lidar bem com computador, sem maiores dificuldades.

Durante o curso, era comum nós alunos, ouvirmos dos coordenadores da escola a seguinte fala:

Coordenadores: Fazendo o ensino médio no período da manhã e o ensino técnico a tarde vocês estão se preparando para a carga horária da faculdade, muitos cursos são integrais. No mercado de trabalho vocês também vão sair a frente de muita gente com o diploma de técnico em informática e vão ser valorizados financeiramente por isso.

Toda minha trajetória escolar foi muito voltada apenas pensando na formação para o mercado de trabalho. O objetivo principal, infelizmente, sempre foi estudar para tirar notas boas, passar no vestibular e ter uma qualificação para um bom emprego. Isso foi ainda mais reforçado durante o ensino médio, feito junto com a formação profissional técnica em uma escola que tinha como foco principal a aprovação de seus alunos em vestibulares. Meus pais, que pouco estudaram, também tinham esse ideal de educação para conseguir um emprego, sendo essa finalidade também reafirmada em casa, logo, foi algo que eu também passei a acreditar.

Na época não compreendia, mas nessa concepção, como diz Dayrell (1996), a escola é entendida com uma instituição única, com os mesmos sentidos e objetivos:

Materializado nos programas e livros didáticos, o conhecimento escolar se torna “objeto”, “coisa” a ser transmitida. Ensinar se torna transmitir esse conhecimento acumulado e aprender se torna assimilá-lo. Como a ênfase é centrada nos resultados da aprendizagem, o que é valorizado são as provas e as notas e a finalidade da escola se reduz ao “passar de ano”. (DAYRELL, 1996, p. 5)

Era a partir dessa lógica instrumental de transmissão de informações que eu via o papel do professor. A função de nós enquanto alunos era assimilar todos aqueles conteúdos como forma de nos preparar para as provas da escola e vestibulares. Por isso, não era incomum eu estudar com a técnica de decorar a matéria para conseguir responder as questões na prova. Para mim, essa forma de me preparar para as provas era eficiente, pois conseguia tirar boas notas e era isso que importava.

Figura 2: Banner de aprovados no vestibular exposto no centro de São João Nepomuceno.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2016

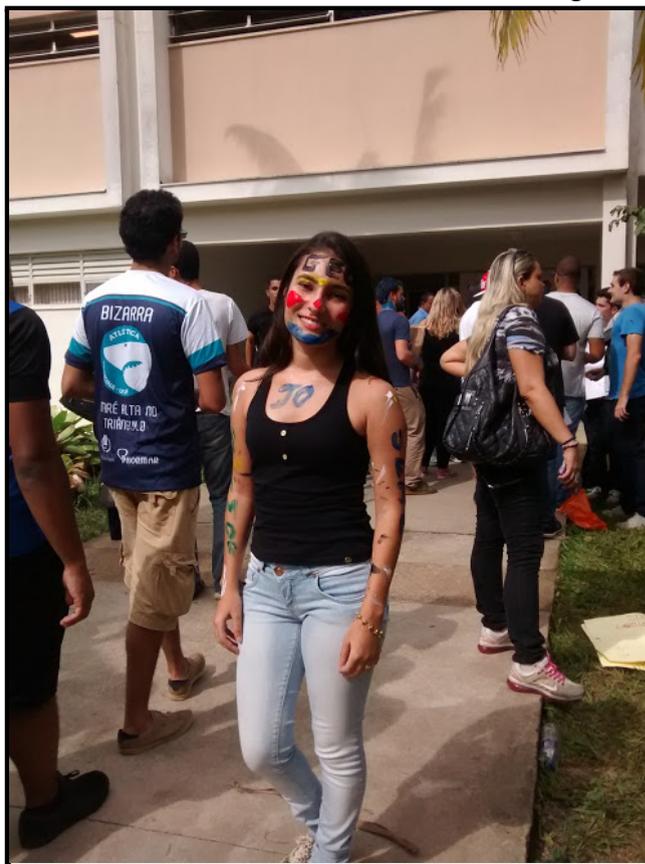
Desde criança sempre gostei do ambiente escolar e de estudar. Tenho algumas professoras na família, mas meu contato mais próximo com a docência foi com a minha mãe, que embora tenha apenas o ensino médio, durante um bom tempo foi professora particular em casa. Dessa forma, convivi em uma casa que em boa parte do dia estava repleta de escola: estudantes, livros didáticos, cadernos e minha mãe envolvida em todas essas atividades. Raramente precisava de ajuda para fazer minhas atividades escolares, sempre envolvendo muito capricho.

Também gostava de brincar de escolinha e então, em um aniversário, pedi de presente um quadro de giz. Uma pena não ter nenhum registro fotográfico com ele, foi um dos presentes que mais gostei. No entanto, nem sempre vi a carreira docente como uma opção de carreira profissional por conta da desvalorização salarial e social.

Foi durante o ensino médio que me aproximei da Geografia e ela se tornou opção de curso superior. Esse interesse surge a partir do incentivo do meu professor que por conta das minhas boas notas na disciplina e minhas participações em aula, sempre me estimulava a cursar essa disciplina, dizendo sobre a ampla possibilidade de atuação do geógrafo que não se restringe apenas à docência. Ele citava como exemplos concursos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e Petrobras para geógrafos.

Então, por gostar da disciplina na escola e pensando nessa amplitude de trabalho e ainda com aquela visão do professor como transmissor de conteúdo, foi que eu decidi colocá-la como opção no vestibular. Confesso que não sabia muito do que esperar do curso e sobre ser professora, algo que muitas pessoas me desestimulavam por conta da exaustiva carga de trabalho e a baixa valorização salarial, mas apesar disso, decidi seguir em frente...

Figura 3: Dia feliz: matrícula no curso de Geografia, 2016.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Em 2016 me mudo para Juiz de Fora (MG) para iniciar a graduação em Geografia na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) (Figura 3). Embora eu tenha ingressado no curso pensando sobre a ampla possibilidade de atuação do geógrafo, as disciplinas do eixo do bacharelado não me despertavam tanto interesse. Por isso, fui direcionando meu curso desde o início para a licenciatura e o bacharelado deixou de ser uma opção mesmo após a conclusão da licenciatura.

Ao longo da graduação, sempre me mantive muito centrada nos estudos das disciplinas curriculares, o que me permitiu formar no tempo previsto. Hoje faço uma crítica a isso, pois deixei de participar de projetos e pesquisas que envolvessem Geografia e a Educação, por exemplo. No entanto, no meu último ano de graduação, tive a oportunidade de participar como bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), voltado para a formação inicial de professores.

Neste programa tive a oportunidade de me aproximar do ambiente e do cotidiano escolar, algo que tinha ocorrido apenas através das práticas exigidas no currículo da licenciatura e do estágio supervisionado. Além disso, propus, conjuntamente com outros bolsistas, atividades didático-pedagógicas para turmas do

ensino fundamental e ensino médio². Ainda nesse contexto, a participação no programa, juntamente com as disciplinas cursadas na Faculdade de Educação contribuíram para que eu me aproximasse da realidade de uma escola como professora e vivenciasse seus desafios e possibilidades. Além disso, passei a enxergar o professor de uma outra maneira, diferente daquela visão de transmissor da época do ensino médio. Pois, como aborda Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia*:

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo - se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 2005, p. 24)

Portanto, ao ingressar na graduação e ir direcionando minha formação para licenciatura, eu ainda não tinha ideia do papel social e político da profissão docente. Mas a Universidade em conjunto com um programa de formação inicial foi mudando minha percepção. Essa mudança foi muito importante para que eu pudesse começar a refletir sobre a prática profissional docente e me questionar: eu estou preparada para *ser* professora de Geografia? Ter um diploma de licenciatura me faz professora?

Com isso, tive a oportunidade de conviver um pouco com os desafios que vou precisar enfrentar quando tiver a minha própria turma, sendo que alguns deles me motivavam muito, como perceber a vontade de aprender de algumas crianças mesmo tendo as suas dificuldades e a gratidão que elas tinham quando eu dava uma singela atenção, explicando o que era para ser feito na atividade. Porém, certas situações me desmotivavam e me faziam questionar se era essa mesmo a profissão que eu iria seguir, como quando a turma se agitava muito e demorava para ficar em ordem. No entanto, no fim de

² Um exemplo de atividade proposta no PIBID Geografia foi publicada no artigo “O ensino de Geografia e as relações étnico-raciais na escola” disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/21/o-ensino-de-geografia-e-as-relacoes-etnico-raciais-na-escola> (acesso: 16/07/2021)

cada prática eu refletia: não existe uma profissão perfeita, qualquer outra que eu fosse escolher também tem suas dificuldades próprias e desafios, além disso, *adorava quando os alunos me chamavam de professora.*³

Figura 4: De um outro dia feliz: Colação de grau licenciatura em Geografia, dezembro de 2019



Fonte: Acervo pessoal da autora.

³ Registro feito por mim para a disciplina Prática de Ensino de Geografia I, 2018.

Figura 5: UFJF publica edital de seleção para Residência Docente



The image shows a screenshot of a news article from the UFJF website. The header is blue with the UFJF logo and the word 'NOTÍCIAS' in white. To the right of the logo, it says 'Revista A3 Editorias'. The main title of the article is 'UFJF publica edital de seleção para residência docente' in bold black text. Below the title, the date '20 DE DEZEMBRO DE 2019' is on the left and 'CONCURSOS E INGRESSO' is on the right. The article text describes the selection process for the Residência Docente program, mentioning the Prograd, the selection of ten professors, a stipend of R\$ 3.330,43, and the application period from December 20 to January 31. It also lists the selection phases: objective test, writing, interview, and curriculum analysis.

Fonte: <https://www2.uff.br/noticias/> acesso em: 28/07/2021

Conheci sobre a existência do Programa de Residência Docente do Colégio de Aplicação João XXIII (CAp João XXIII/UFJF) através de um breve comentário da minha professora orientadora do estágio, no meu último semestre da graduação em 2019. Desde então aguardava ansiosamente pela publicação do edital, mesmo ainda sem saber exatamente o que era e os objetivos do programa. Por meio do comentário dela soube apenas que era remunerado e voltado para professores recém formados.

Já naquela tensão sobre o que fazer depois da formatura, quando o edital foi publicado e eu li a notícia através do site da UFJF (Figura 5), acendeu em mim uma esperança, pois era a oportunidade ideal. Esperança, no entanto, abalada por ser apenas uma vaga ofertada e por não acreditar tanto que ela poderia ser minha. Já tinha feito alguns concursos públicos concorrendo apenas a uma vaga e não

consegui a classificação necessária. Mas essa esperança era do verbo esperar. Parafraseando Paulo Freire: esperar é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir!

Portanto, assim que o edital foi publicado fiz minha inscrição e comecei os estudos me preparando para cada fase do processo seletivo: prova objetiva, redação e entrevista com a análise de currículo. Todas eram de caráter classificatório e passar por cada etapa era se aproximar cada vez mais da aprovação. Estava confiante na prova objetiva e na redação, mas não tanto para a última fase que consistia na entrevista e na análise do currículo. Essa insegurança me fez dedicar preparo para a entrevista, pois seria assim que conseguiria um pouco mais de confiança.

Para essa última fase, marcada para o dia 05/03/2020, foram classificados eu e mais dois candidatos. No dia da entrevista, realizada no CAp João XXIII, encontrei os dois no prédio do Ensino Médio, onde seria realizada a seleção. Conversamos um pouco até que, por ordem alfabética, fui a primeira a ser chamada para a entrevista e análise do currículo.

05/03/2020 15:40 - Hérika: Aí, tô muito tranquila
 05/03/2020 15:40 - Hérika: Da até medo
 05/03/2020 15:40 - Patrícia: Vc foi a primeira a fazer a entrevista?
 05/03/2020 15:40 - Hérika: Pelo menos eles falaram que meus documentos estavam ok
 05/03/2020 15:40 - Hérika: O currículo e os comprovantes
 05/03/2020 15:41 - Hérika: Foi. Ordem alfabética
 05/03/2020 15:41 - Patrícia: Que ótimo!
 05/03/2020 15:41 - Patrícia: 🙏
 05/03/2020 15:41 - Patrícia: Graças a Deus
 05/03/2020 15:42 - Patrícia: Sinal q foi mt boa a entrevista

A entrevista, feita por três professores que me deixaram muito à vontade, foi tranquila e consegui controlar bem o nervosismo para responder as perguntas. Além disso, foi conferido meus documentos comprobatórios das informações presentes no currículo e estava tudo certo. Saí da sala com a sensação de dever cumprido e que agora o que eu tinha a fazer era aguardar pelo resultado.

Prezado (a) boa tarde,

A Copese, Coordenação Geral de Processos Seletivos e o Colégio João XXIII informam que você foi aprovado no processo seletivo do Programa de Residência Docente edital nº 13/2019.

Conforme item 10.3: "Após a divulgação do resultado, os candidatos, convocados por e-mail, deverão confirmar interesse e realizar matrícula, conforme cronograma".

A matrícula será realizada na secretaria do Colégio João XXIII no dia 11 de março de 2020, no horário de 08:00 às 18:00 horas.

A relação de documentos deve ser observada consoante os itens 11.3: "Serão exigidos os originais e cópias dos documentos citados abaixo, para assinatura do contrato bolsa, sem os quais a matrícula não será realizada: a) Duas fotos 3 x 4 recentes; b) Cédula de Identidade; c) Certidão de nascimento ou de casamento; d) Comprovante de endereço; e) Comprovante de que está em dia com o Serviço Militar (candidato); f) Diploma de conclusão de Licenciatura na área escolhida (em caso de apresentação de certificado de conclusão da licenciatura com histórico escolar assinado pela instituição, o diploma deverá ser apresentado na secretaria do Colégio de Aplicação João XXIII em até 30 dias após a data da matrícula especificada no cronograma). g) CPF; h) Número do PIS/PASEP e número de inscrição no INSS; i) Título de eleitor; j) Certidão de quitação eleitoral ou comprovante de votação na última eleição".

11.4: "Em caso de matrícula por procuração, serão aceitos os documentos originais e cópia, ou documentos autenticados (confere com original) e cópia.".

O candidato que não providenciar a matrícula nessa data estará excluído e o próximo será convocado.

Atenciosamente,

--

Coordenação Geral de Processos Seletivos - COPESE -
PROGRAD/UFJF
(32)2102-3755/(32)2102-3738

Os sentimentos ao receber este e-mail foram de alívio, satisfação e muita felicidade! Alívio por ter conseguido uma excelente oportunidade após a formatura, satisfação por não ter desistido e me dedicado para essa conquista e felicidade por

estar construindo meu caminho profissional. No dia seguinte após o recebimento do e-mail já era o dia da matrícula e as atividades do programa já se iniciaram na próxima semana, dia 16/03/2020.

Matrícula feita e o primeiro dia foi um café da manhã de boas vindas aos novos residentes na sala de Oficina Literária do CAp João XXIII/UFJF. Estavam presentes também os residentes da turma anterior, foi o nosso primeiro encontro. Cada um de nós nos apresentamos e os residentes da primeira turma também, contando um pouquinho de suas vivências a partir da experiência como residentes. Além disso, nessa reunião foi informado os orientadores de cada residente. Os meus seriam os professores de Geografia Andreia, Bruno, Dinho e Jader, professor da Faculdade de Educação da UFJF.

Em um segundo momento, os antigos residentes apresentaram para nós a escola: salas, quadras, prédios, cantina, departamentos. Ouvir as palavras sobre a escola vindo dos residentes, as vivências constituídas naquele espaço despertou em mim, e acredito que no demais também, ainda mais ansiedade para começar logo as atividades da residência. Encerrada a reunião, fomos liberados e para aquela semana deveríamos procurar nossos orientadores para organizar o início das atividades.

Após o encerramento da reunião, conversando com a Suzanne⁴, soube que o Bruno, um dos meus orientadores, ainda estava no colégio. Tínhamos nos encontrado rapidamente pelo corredor e nos apresentado brevemente com um abraço. Então, consegui encontrá-lo novamente na sala do departamento de Ciências Humanas onde tivemos a oportunidade de conversar um pouco mais e até descobrir que ele e a família também moraram em São João Nepomuceno por muitos anos. Faltava agora conhecer o Dinho, a Andréa e o Jader que não estavam na escola neste dia.

Foi um dia cheio de expectativas e realizações. Oficialmente eu estava no CAp João XXIII/UFJF como professora residente de Geografia pela primeira vez e isso era motivo de muito orgulho não só para mim, mas também para meus amigos e familiares. Poder iniciar a carreira docente em um colégio com uma boa infraestrutura e principalmente, com o apoio e acompanhamento de professores mais experientes é um privilégio.

⁴ Suzanne é a residente de Geografia da turma de 2019.

Sabia que iria passar boa parte do dia e até a noite na escola, por conta da extensa carga horária do programa, o que não era algo que me causava incômodo. Vocês vão morar no João XXIII - disseram os antigos residentes. Não via a hora de me acostumar naquele espaço, saber onde se localizava cada sala, transitar de um lado para o outro nos corredores, conhecer os alunos, funcionários e ser também reconhecida por eles. Mas, não esperava que assim como no meio do caminho de Carlos Drummond, no meu também viria uma pedra.

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra
Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra.

(Carlos Drummond de Andrade)

Figura 6: UFJF suspende atividades presenciais



ufjf | NOTÍCIAS Revista A3 Editorias ▾

UFJF suspende atividades presenciais nesta terça mantendo somente serviços essenciais

16 DE MARÇO DE 2020 CAMPUS E COMUNIDADE

O reitor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Marcus David, anunciou nesta segunda, 16, a interrupção de todas as atividades presenciais, mantendo apenas ações essenciais. No campus de Juiz de Fora, a suspensão será feita a partir desta terça, 17, e no Campus de Governador Valadares, em função de acordo com a prefeitura local, a partir de quarta, 18. A medida é por tempo indeterminado. A suspensão na terça, 17, também inclui o Colégio de Aplicação João XXIII.

Com o intuito de estabelecer uma política única de ação, a vice-reitora da UFJF e presidente do Comitê de Monitoramento, Girlene Silva, esteve em reunião nesta tarde com representantes da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora. Na oportunidade, foi anunciada uma mudança significativa no quadro epidemiológico da cidade, com o surgimento de um novo caso de contaminação. Com base nesta informação, o Comitê de Monitoramento e Orientação de Conduta da UFJF sobre o Covid19 (coronavírus) tomou a decisão de suspender as atividades.

Fonte: <https://www2.ufjf.br/noticias/> acesso em: 28/07/2021

A notícia foi publicada na noite do nosso primeiro dia enquanto residentes no colégio, dia 16 de março de 2020 (Figura 6). A medida de suspensão se deu por conta do surgimento de um novo caso de contaminação pela Covid-19 na cidade de Juiz de Fora. Nessa mesma data, o número de casos confirmados no Brasil era de 234 e capitais do Rio de Janeiro e São Paulo registravam transmissão comunitária, que ocorre quando não é identificada a origem da contaminação. No dia seguinte ocorre a primeira morte por coronavírus no Brasil.

O isolamento social era, e ainda é, a principal forma de contenção da disseminação do vírus, dessa forma, a suspensão das atividades na escola e na universidade foi uma medida responsável diante do cenário de aumento dos

casos, sobretudo por se tratar de uma doença ainda desconhecida pela comunidade médica e científica.

Então estava eu me preparando para mais um dia de aula, eu já tinha escutado a notícia de um vírus que surgiu na China chegando ao Brasil mas não me preocupei muito pensei que tudo daria certo e fui para a escola como todos os dias de semana. Mas não demorou neste dia de ser os avisados na escola que o devido ao vírus as aulas poderiam ser paralisadas por causa do vírus, ao meu ver isto era um exagero visto que o vírus mal havia chegado aí país e nem todos pegariam.

Como já era de se esperar este foi o último dia que tive aula presencial pois o colégio resolveu que seria melhor paralisar as aulas até que tudo estivesse sobre controle.

No início não era algo tão grande apenas teríamos que ficar em casa e esperar um pouco, mas com o decorrer de uma semana as notícias começaram a surgir mais e mais casos eram registrados por todo o mundo e ao chegar com força na mídia aí eu pude dimensionar a situação que era tão grave. (Narrativa de estudante - 1º ano ensino médio)

Quanto tempo será que demora
Um mês pra passar?
A vida inteira de um inseto
Um embrião pra virar feto
A folha do calendário
O trabalho pra ganhar o salário

(Quanto tempo demora um mês - Biquini Cavado)

Apesar desse cenário, acreditávamos que apenas algumas semanas de distanciamento social seriam o suficiente para controlarmos a situação da doença no país e que as atividades escolares voltariam em breve, sem muitos impactos no calendário escolar. No entanto, com o passar dos dias e das semanas, o cenário que ia se desdobrando para nós com o aumento constante do número de casos e mortes não nos permitia pensar na volta presencial das escolas. A pergunta “o que fazer?” foi tomando conta de todas as escolas e junto com ela a necessidade por elaborar alternativas e respostas:

A pandemia nos colocou frente ao desafio de pensar a escola retirando-nos de um ponto que é estruturante na tradição escolar: o sacro santo lugar que denominamos sala de aula. A função docente desempenhada dentro desse lugar garante

limites com os quais professores, alunos e toda a sociedade se habituaram, a partir dos quais se define o que é escola, em em decorrência, qual o papel esperado de professores e alunos. Dentro da sala de aula, há a duvidosa certeza de que todos sabem o que ser e o que fazer. (OLIVEIRA, 2020, p. 2)

O CAp João XXIII inicia então um cauteloso planejamento para a retomada das aulas de forma remota (Figura 7). Nesse processo, em 7 de maio de 2020 há a suspensão das atividades da Residência Docente, “já que não há campo de atuação para as atividades práticas/presenciais descritas no inciso I, do Artigo 14, da Resolução nº138/2018” (BRASIL, 2020).

Não tínhamos noção até quando iria essa suspensão, o fato é que ficamos até o final de agosto sem receber nenhuma notícia, sem saber se a Residência Docente iria ou não retomar. Nesse meio tempo, nós residentes íamos nos comunicando por um grupo no Whatsapp que conseguimos criar em nosso primeiro e único encontro presencial e assim fomos compartilhando nossos sentimentos e incertezas. Isso foi nos permitindo criar um laço de proximidade e amizade mesmo tendo nos encontrado apenas uma única vez.

Figura 7: Colégio João XXIII prepara adoção de ensino remoto

Colégio João XXIII prepara adoção de ensino remoto

Reuniões virtuais entre instituição e pais ou responsáveis, para apresentação de propostas, começarão em 3 de agosto

 **Siga a Tribuna no Google News**

Por Tribuna
28/07/2020 às 16h59- Atualizada 28/07/2020 às 18h05

     40

Fonte: <https://tribunademinas.com.br/> acesso em 28/07/2020

[28/07/2020 14:23] Bia: Ei, Juliana e Isabela, tudo bem? Nós gostaríamos de ter notícias de como andam as discussões sobre a situação da residência. Vocês teriam alguma informação?

[28/07/2020 14:41] Juliana: Olá Bia, as comissões estão reunidas e acredito que esta semana os comunicados oficiais acontecerão. No momento, estamos fechando a turma 01 da residência e divulgaremos as datas do semanário.

[28/07/2020 17:32] Bia: Huhuu

[28/07/2020 18:02] Camila: Juliana, nós residentes tivemos conversando e queríamos ver se seria possível participarmos dessa nova fase de ensino do João, com o ensino remoto. Ficamos muito interessadas em estudar mais sobre as possibilidades e ferramentas do ensino à distância, de repente este sendo um dia tópicos das nossas disciplinas. Também poderíamos ajudar a elaborar o material para os alunos, ajudar nas monitorias... Pensamos em deixar essa possibilidade como sugestão para as conversas das comissões

[28/07/2020 18:03] Juliana: Camila, esta é a ideia!! A comissão do João tb está considerando a presença de vocês lá. Mesmo que o lá seja remoto.

Desde o primeiro dia de estágio me senti realizada no ambiente em que eu estava, gosto desse clima de escola, do burburinho que vinha das salas de aula quando eu passava por uma, do momento de encontro dos docentes na sala dos professores, da movimentação e do trabalho dos supervisores/coordenadores/direção para manter tudo organizado, da sensação de organização que tinha quando via colado nas paredes avisos, orientações e quadros de horário. É um ambiente que me agrada visualmente, sonoramente e sentimentalmente.⁵

Em setembro recebemos o comunicado que as atividades da Residência voltariam no contexto do Ensino Remoto. Fiquei feliz, é claro, todos ficamos. Mas sabia que, pelo menos em 2020, não iria sentir o clima da escola, ouvir o burburinho que vinha das salas de aula ou ter a sensação de organização que tinha ao visualizar um quadro orientações e horários. Ao invés de ir para o João XXIII, ele que viria até minha casa, que embora já tenha sido um local cheio de escola, não me possibilitaria vivenciar esse ambiente escolar que tanto me agrada visualmente, sonoramente e sentimentalmente.

⁵ Registro feito por mim para a disciplina Reflexões do Estágio Supervisionado - Geografia, 2019.

3. SEGUNDO MOMENTO

O real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia. (Guimarães Rosa)

Primeiramente, considero importante detalhar um pouco mais sobre o Programa de Residência Docente e o CAp João XXIII, visto que a partir de agora, ele envolverá todo o contexto da escrita e das vivências aqui descritas.

Como dito anteriormente, o Programa de Residência Docente é desenvolvido no CAp João XXIII (Figura 8), unidade acadêmica da UFJF. Seu público-alvo são professores recém formados e/ou em início de carreira. O objetivo do programa é aprimorar a formação de professores da Educação Básica, ofertando um programa de formação continuada que consiste no desenvolvimento da docência dentro do espaço escolar. Mas, por conta da pandemia da COVID-19, a turma de residentes de 2020 realizou todas as atividades do programa no âmbito do ERE.

O CAp João XXIII, por sua vez, é um colégio público federal localizado em Juiz de Fora, Minas Gerais. Conta com aproximadamente 1350 alunos, matriculados em vinte e quatro turmas de Ensino Fundamental e nove turmas de Ensino Médio, além de oito turmas atendendo a alunos do Curso de Educação de Jovens e Adultos. Como forma de ingresso adota o sorteio público de vagas, fazendo com que o corpo estudantil tenha uma grande diversidade socioeconômica.

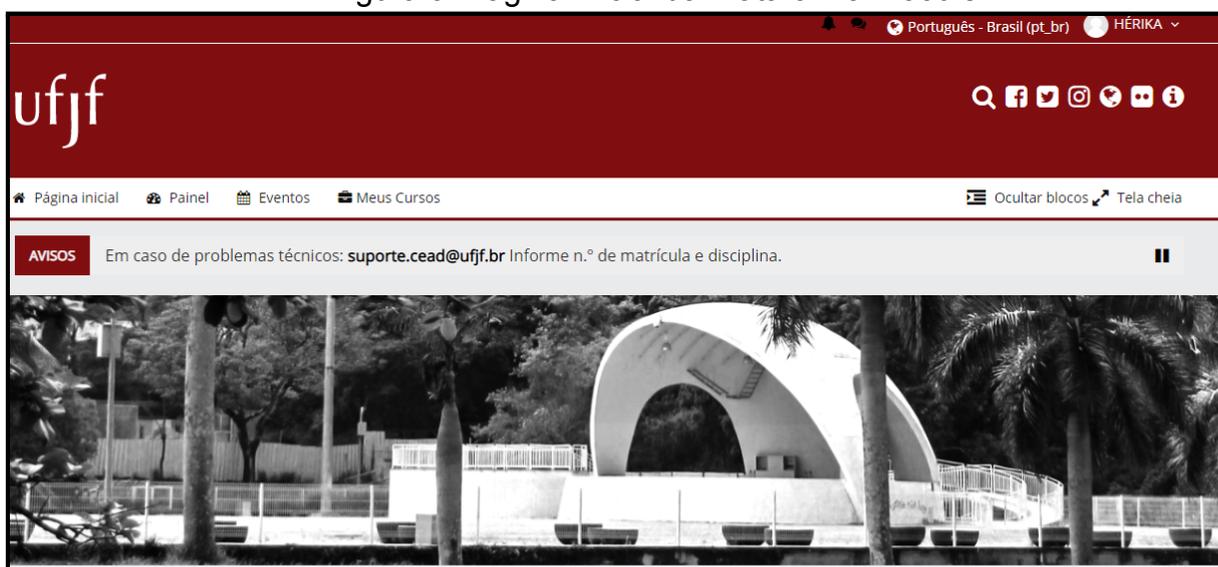
Figura 8: Prédios do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF



Fonte: Captura de tela em vídeo institucional da UFJF

Para realizar as atividades do ERE, o colégio utilizou a plataforma Moodle (Figura 9), que funciona como uma sala de aula virtual onde professores podem disponibilizar material didático e propor tarefas, como testes e discussões em fóruns. Além disso, para os momentos de aulas síncronas (aquelas que acontecem em tempo real em um espaço virtual) o segmento do Ensino Médio optou pelo software de webconferência BBB (BigBlueButton). Já os segmentos do Ensino Fundamental I, II e EJA optaram por realizar os momentos síncronos através do Google Meet, que também é um serviço de comunicação por vídeo.

Figura 9: Página Inicial da Plataforma Moodle



Fonte: Captura de tela da plataforma Moodle

A proposta de trabalho da Residência soma 60 horas semanais distribuídas nos setores da docência, administrativo-pedagógica e produção acadêmica, com duração de 12 meses. Além disso, os residentes são remunerados com uma bolsa de R\$3.330,42 em regime de dedicação exclusiva. Essa remuneração, além de ser uma forma de valorizar a profissão docente, é um ponto favorável para nós residentes, pois nos permite dedicar integralmente ao programa e à nossa formação continuada.

Cada residente acompanha os professores orientadores de suas respectivas disciplinas, sendo eles responsáveis pela condução e orientação das atividades a serem desenvolvidas. Mas, para além disso, vejo que isso é uma forma do residente ter um apoio no processo de formação, onde, em conjunto com o orientador, eles

podem trocar experiências e refletir sobre as suas práticas docentes. Como aborda Paulo Freire, “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (Freire, 1996, p. 42).

No meu caso, como residente da área de Geografia, fui orientada por três professores que atuam em dois segmentos diferentes no colégio: Andreia, com o 8º e o 9º ano do ensino fundamental II, Bruno e Dinho nas turmas de 1º ao 3º ano do ensino médio. Possuir três orientadores no CAp João XXIII e estar atuando em muitas turmas de segmentos diferentes foi um grande desafio, mas que me permitiu ter contato com três professores com práticas e maneiras distintas, o que enriqueceu muito meu processo.

Além disso, de acordo com Nóvoa (2009, p. 38), “nestes anos em que transitamos de aluno para professor é fundamental consolidar as bases de uma formação que tenha como referência lógicas de acompanhamento, de formação-em-situação, de análise da prática e de integração na cultura profissional docente”.

O programa envolve, além das atividades envolvendo a docência, um curso de pós-graduação *Lato-Sensu* realizado concomitantemente, com um total de 480 horas. Ao final do programa, tendo o residente cumprido todas as exigências, é conferido o certificado de “Especialista em Residência Docente”.

Como dito anteriormente, o público-alvo do programa são licenciados recém-formados. Dentro desse contexto, acredito que o início de uma carreira profissional seja difícil em qualquer área e profissão. Alguns autores consideram os anos iniciais da carreira docente um período importante na sua história profissional, que determina inclusive seu futuro e sua relação com o trabalho. Nesse aspecto, alguns autores que abordam a socialização profissional dos professores colocam duas fases que ocorrem durante os primeiros anos de carreira, que seria a fase de exploração e de estabilização.

A fase de exploração seria do primeiro ao terceiro, ano na qual o professor faz uma escolha provisória de sua profissão, com tentativas e erros. Dentro dessa fase há o que os autores chamam de “choque com a realidade”, que pode ser fácil ou difícil, empolgante ou decepcionante, e é condicionada pelas limitações da instituição.

A segunda fase seria a de estabilização e de consolidação, que seria do terceiro ao sétimo ano de profissão, essa fase é caracterizada pelo investimento do professor na sua profissão e por uma segurança maior do professor em si mesmo (TARDIF, RAYMOND, 2000).

Entretanto, é preciso compreender que essa estabilização e consolidação não ocorrem naturalmente, apenas em função do tempo cronológico decorrido desde o início da carreira, mas em função dos acontecimentos constitutivos que marcam a trajetória profissional, incluindo as condições de exercício da profissão. (idem, p. 228)

Considero estar inserida nessa fase de exploração e poder iniciá-la no programa de Residência Docente me proporcionou vivências muito significativas que buscarei relatar neste momento. Não seria possível, contudo, contar tudo aquilo que vivenciei, visto que “uma tentativa de resgatar o que foi vivido, de capturar a vida, seria uma ilusão” (ABREU, 2020, p.115). O que eu compartilho, neste segundo momento, são algumas vivências que me marcaram a partir do nó cronotrópico entre uma professora estudante recém formada, uma professora residente e uma pesquisadora.

Iniciar a Residência de forma remota foi diferente de tudo aquilo que eu havia imaginado. Ao invés de experimentar qual seria o melhor ônibus e horário para chegar ao CAP João XXIII saindo do bairro São Pedro, por exemplo, tive que experimentar qual microfone seria melhor para conversar nas vídeo chamadas: o do computador ou o do fone de ouvido? Qual posição do computador melhor favorecia a minha iluminação diante da câmera? Questões técnicas que tive que ir adaptando ao longo do processo para vivenciar o remoto da melhor forma possível e não perder cada detalhe.

02/10/2020 14:38 - Dinho: O material está lindo e muito completo e eu penso que você tem toda a condição de apresentá-lo.

3/10/2020 08:51 - Dinho: Hérika, bom dia. Como vai? Sobre os slides de Projeções, não se trata de assumir as duas aulas geminadas e sim de apresentar o que você preparou mesmo, caso se sinta confortável para isso. O lado bom é que você já vai dando início à co-docência. O material está muito bom, o único ajuste final seria colocar as fontes que ainda faltam. E há bons materiais on-line para exibição no YouTube.

03/10/2020 08:53 - Hérika: Oi! Bom dia!
03/10/2020 08:54 - Hérika: Ia te responder ontem, mas aqui em São João ficamos sem energia ontem... Quando voltou já era de noite rsrs
03/10/2020 08:54: Hérika: Fiquei feliz que você gostou!
03/10/2020 08:55: Hérika: Estou animada pra apresentar sim 😊

Durante toda a minha preparação para a docência, nunca pensei sobre lecionar em uma modalidade de Ensino Remoto e muito menos em um Ensino Remoto Emergencial. Acredito que nenhum de nós imaginávamos, até que a COVID-19 chegou e nos mostrou que isso seria necessário.

Essa realidade chegou para mim logo após a formatura inserida em um programa que visa aprimorar a formação inicial docente. Foi uma mudança e tanta. Ao invés dessa formação ocorrer presencialmente na escola, no mesmo espaço com os alunos, professores e funcionários, ela ocorreu através da tela de um computador e eu, em outra cidade, dentro do meu quarto. Mas, como toda mudança, também vivenciei, aprendi e evolui muito nesse processo.

A partir do episódio da minha primeira aula como residente e no ERE consegui traçar alguns desafios e oportunidades que me aguardavam. A aula foi sobre Projeções Cartográficas para as turmas do 1º ano do Ensino Médio. Quando Dinho me fez a proposta de ter essa primeira experiência fiquei insegura, no entanto, ele me deu tempo para pensar sobre, e principalmente, me deu todo apoio caso ainda não me sentisse preparada. Mas, mesmo com essa insegurança, decidi aceitar o desafio.

Muito dessa insegurança veio a partir das diferenças que eu fui observando nas aulas anteriores entre a Geografia aprendida na universidade e a Geografia da sala de aula. Isso era algo que eu já tinha vivenciado na minha formação inicial a partir das práticas de observação, estágios e o PIBID, mas acredito que dessa vez tenha sido um incômodo maior ou até mesmo um choque por conta da posição em que eu estava enquanto professora formada: residente no CAp João XXIII.

Dessa forma, preparar o material didático para ser exibido durante a aula de Projeções Cartográficas foi desafiador em duas frentes: a primeira por sentir essa desconexão entre o que eu tinha estudado na universidade no âmbito da Cartografia e a segunda pelo fato de se tratar de uma aula remota em um contexto totalmente novo para todos nós.

A respeito do primeiro desafio, me deparei com a necessidade de estudar o conteúdo de Projeções para que eu me sentisse mais apta para preparar o material e, conseqüentemente, para que eu conseguisse conduzir a aula posteriormente. A partir dessa situação me veio vários questionamentos a respeito da minha formação inicial. Percebi então que a questão envolvendo a Geografia Acadêmica e a Geografia Escolar seria um desafio que eu teria que compreender e superar.

No que tange ao segundo desafio, ressalto o fato de planejarmos uma aula pensando em uma plataforma virtual que ainda não estávamos acostumados. Como atrair a atenção dos alunos? Torná-la mais participativa? Quais materiais didáticos utilizar? O que funciona bem e o que não funciona?

Pensando para essa aula de Projeções Cartográficas preparei, em conjunto com Dinho, uma apresentação em formato *PowerPoint* (Figura 10), bastante ilustrativa e muitos mapas. Para a parte final da aula preparamos também alguns exercícios de múltipla escolha para utilizar juntamente com o recurso enquete da plataforma online: dessa forma, seria possível os alunos lerem as questões e nós professores abrirmos uma enquete para que cada um marcasse através do seu computador ou celular, a opção que considerava correta. Tínhamos em mente que essa ferramenta das enquetes seria uma boa alternativa para estimular a participação dos alunos.

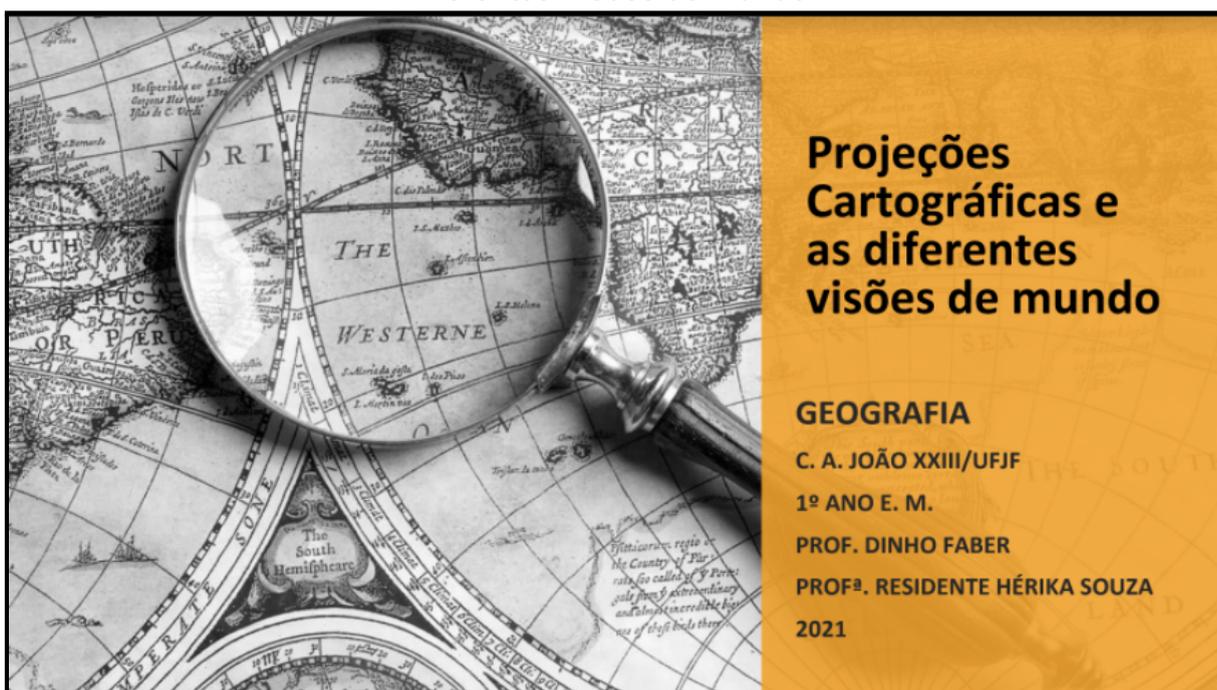
E então, chega o momento de ministrar tudo aquilo que eu havia preparado e o mais desafiador: fazer tudo isso diante de um computador, sozinha em meu quarto, mas acompanhada de muitas pessoas virtualmente. O primeiro passo foi carregar o arquivo PowerPoint na plataforma. Não sabia exatamente onde eu fazia isso, ainda não estava familiarizada com a plataforma (lembrando que eu fiz um curso técnico de informática, imagina um professor que não tem tanta habilidade com computador). Era como se eu tivesse em uma escola que estava acabando de conhecer, indo de porta em porta procurando qual era a minha sala. Perdida. Mas consegui encontrar onde eu carregava o arquivo.

Durante a aula, explicando o conteúdo (Figura 10), onde estavam os alunos? Deslizava o olhar pelo lado esquerdo da tela do computador onde se localiza o chat e a listagem de alunos, via os nomes, mas não conseguia ver os alunos. Estava nervosa pelo fato de ser a minha primeira aula e pelo fato de não saber como estava sendo pelo olhar de outra pessoa. Angustiante.

No final da aula, com a utilização da enquete, foi possível perceber a

presença dos alunos ali comigo, o que foi confortável. Eles comentaram que gostaram da aula com exercícios feitos com a enquete. Mas nos deparamos com um problema: ela não funcionava bem para todos, principalmente para os alunos que acompanhavam a aula pelo celular. Como a tela do celular é pequena, eles não conseguiam ler a questão para marcar a opção correta nas alternativas.

Figura 10: Material Didático em Powerpoint: Projeções Cartográficas e as Diferentes Visões de Mundo

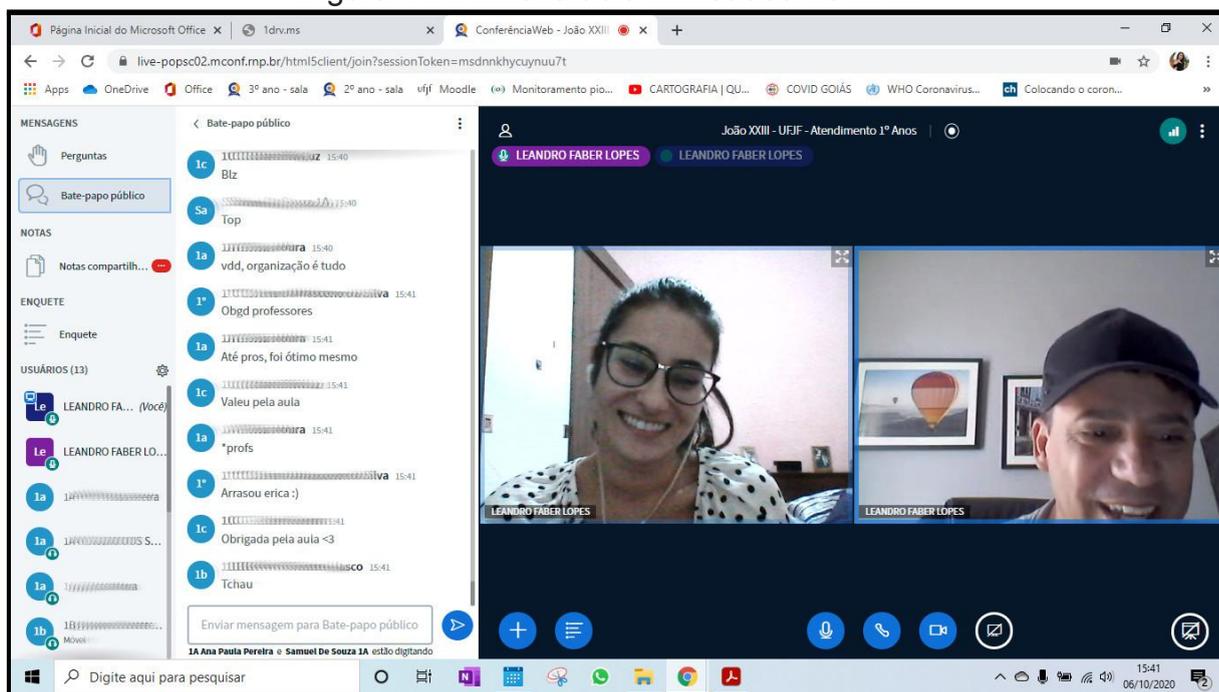


Fonte: Captura de tela, arquivo pessoal da autora.

Enfim, por me cobrar demais foi uma aula que eu poderia ter saído dela com o sentimento de frustração. Nervosismo atrapalhou que eu explorasse de forma mais profunda o conteúdo e as informações presente em cada slide e fez com que eu em vários momentos encontrasse a palavra correta para aquilo que eu queria falar. No entanto, ao final da aula recebi alguns comentários positivos dos alunos pelo chat e isso me confortou um pouco. Além disso, ter o apoio de professores mais experientes como orientadores faz toda a diferença nesse início de carreira docente.

A vida é uma corrida
que não se corre sozinho.
E vencer não é chegar,
é aproveitar o caminho
sentindo o cheiro das flores
e aprendendo com as dores
causadas por cada espinho.
(A corrida da vida - Bráulio Bessa)

Figura 11: Primeira aula ministrada no ERE



Fonte: Captura de tela, arquivo pessoal da autora.

[06/10/2020 15:56] Dinho (João XXIII): Pessoal, a Professora Hérika brilhou hoje na condução das aulas do Primeiro Ano, manhã e tarde. Preparou material excelente e fez ótimo trabalho com as turmas. Tivemos a presença de mais de 70 alunos(as) e ela segurou até quando a minha energia acabou e a net caiu. Os alunos amaram as enquetes com questões de vestibulares.

[06/10/2020 15:57] Dinho (João XXIII): Hoje foram quatro aulas

[06/10/2020 15:57] Dinho (João XXIII): Obrigado, Hérika. Ganhou uma estrelinha.

[06/10/2020 15:57] Hérika: 😊😊 Obrigada, Dinho! A ajuda de todos vocês está fazendo toda a diferença. 😊

[06/10/2020 15:58] Bruno (João XXIII): Eu bem passei lá pra espiar..

[06/10/2020 15:58] Bruno (João XXIII): 😊😊 um amor!

[06/10/2020 15:58] Hérika: De manhã estava mais nervosa... De tarde foi melhor, estava mais tranquila...
[06/10/2020 15:59] Hérika: Obrigada Bruno!
[06/10/2020 16:00] Dinho (João XXIII): Cada vez vai ficando mais natural.
[06/10/2020 16:00] Hérika: Sim, senti exatamente isso
[06/10/2020 16:00] Bruno (João XXIII): Sinceramente.. se fosse no presencial, vc teria ganho esses alunos já na primeira aula..
[06/10/2020 16:01] Bruno (João XXIII): Foi mto legal a parte q eu vi
[06/10/2020 16:01] Dinho (João XXIII): Verdade
[06/10/2020 16:14] Andreia (João XXIII): Parabéns Hérika! Fico muito feliz! 🙌🙌🙌🙌
[06/10/2020 16:15] Andreia (João XXIII): Cada dia que passa vai tirando mais de letra! 😊🙌🙌

No programa de Residência, consideramos a codocência uma docência compartilhada, ou seja, a atuação de dois professores em sala de aula, que seria o professor orientador e, o outro, o professor residente. Nessa relação não há hierarquia entre os docentes, visto que os dois são professores e ambos se formam no processo.

No entanto, no início do acompanhamento das atividades remotas, uma das minhas dificuldades era dividir a aula síncrona com meus professores orientadores. Tentarei refletir com você leitor, a partir dessa escrita, sobre essa questão, pois como diz Gaivota (2020) escrever é descobrir, é como perceber-se cega ou cego e tatear, esticar as mãos à frente e com elas riscar o ar. Arriscar.

Primeira coisa a se considerar: o meu “choque” entre a Geografia Acadêmica e a Geografia Escolar, devido a uma formação “bastante marcada pela aprendizagem de conteúdos teóricos da Geografia acadêmica, e de suas diversas especialidades, sem uma reflexão sistemática de seu significado e de modos de sua atuação na prática docente” (CAVALCANTI, 2008, p. 96).

Creio que isso seja algo até clichê entre recém formados e muito presente na literatura. Mas acredito que esse “choque”, tenha sido mais acentuado, no meu caso, por conta do contexto da sala de aula remota. Quando estamos na escola, no momento do acontecer, há outras variáveis que chamam sua atenção na dinâmica da sala de aula e que fazem você também refletir para além disso. O que não ocorre no ambiente da sala de aula remota.

Outro ponto: timidez. Sou uma pessoa tímida e não imaginava que no formato remoto a timidez seria ainda maior. Você já leu o significado de timidez? Fazendo uma pesquisa rápida na internet, encontramos a seguinte definição: estado, condição ou característica de tímido, acanhamento excessivo. Acontece que no formato remoto, você não pode ser uma pessoa acanhada. Você precisa ter atitude para clicar no ícone de ligar a câmera e ver seu rosto aparecendo na tela para você e para quem está do outro lado ou então no ícone do microfone para poder falar e na maioria das vezes você precisa interromper o outro para fala e, para isso, é preciso ter atitude.

Dessa forma, em muitas situações durante os momentos síncronos com os professores orientadores, que me davam total liberdade e conforto para participar e fazer colocações, eu me questionava: “o que eu posso contribuir e/ou acrescentar sobre isso?”, ou “eu tenho algo a acrescentar sobre isso?”. Ainda havia casos que eu tinha algo para falar e acrescentar durante a aula, mas me faltava atitude, por conta do acanhamento em excesso, para me colocar na sala de aula remota.

Nóvoa (2017) considera os primeiros anos de exercício docente um tempo entre-dois, pois o professor está entre o fim da formação e o princípio da formação. Acredito que esse tempo entre-dois ou esse nó cronotópico entre professora estudante recém formada e professora residente também gerou inseguranças nos momentos de codocência. No entanto, eu estava inserida em um “ambiente propício ao processo de aprendizagem e socialização profissional” (Nóvoa, 2017, p. 201) que possibilitou que o meu período entre-dois ganhasse densidade formativa.

Importante considerar também que eu estava inserida, ainda que remotamente, em um ambiente escolar de um colégio de aplicação, que é um espaço voltado para a formação docente. Somado a isso, dentro de um programa que permitiu a articulação entre professores mais experientes (não apenas os professores orientadores, mas também os professores das disciplinas da especialização) e outros professores recém-formados. Dentro desse âmbito, foi construído um percurso formativo propício à “afirmação da profissão docente” (NÓVOA, 2017).

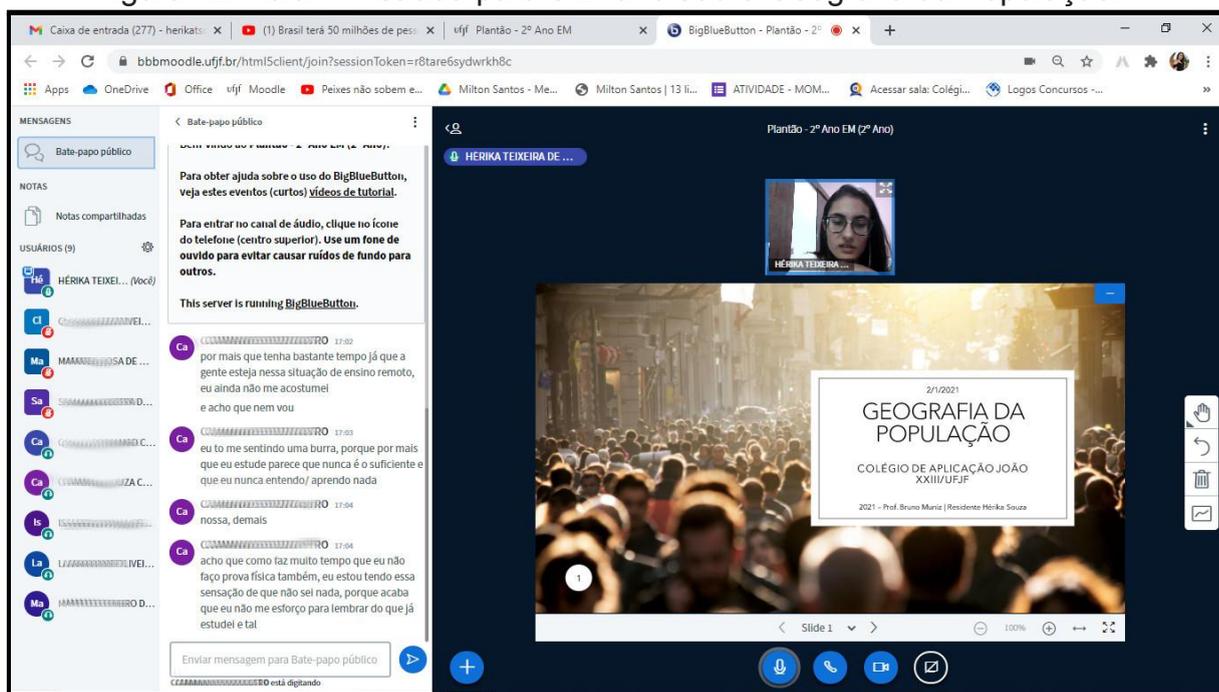
Em uma das disciplinas da especialização na Residência Docente, em que eu levei essa questão a respeito da minha insegurança com a codocência e meu acanhamento diante da sala de aula remota, a professora me deu o seguinte conselho:

você mesma se deu a chave central: docência é prática e reflexão. E tudo aliado à coragem, claro...Seja mais generosa com você Hérika... não é possível você querer já dominar um conjunto de repertórios e modos de agir... você está ainda em processo de construção de tudo isso...é tudo muito recente e muito misturado ao processo da pandemia, que cria elementos adicionais muito complexos...

Destaco, portanto, a ideia de Nóvoa (2009, p. 38), que diz “nestes anos em que transitamos de aluno para professor é fundamental consolidar as bases de uma formação que tenha como referência lógicas de acompanhamento, de formação-em-situação, de análise da prática e de integração na cultura profissional docente”. Esse acompanhamento, que se deu principalmente, através dos professores orientadores, mas também dos professores da especialização, para mim enquanto recém formada foram essenciais. Destaco também os momentos de troca com os demais residentes, para que eu pudesse entender minha posição enquanto professora em formação.

Aos poucos fui tentando superar esse desafio da codocência e ela foi se tornando mais tranquila para mim à medida que ia me familiarizando com o ambiente remoto e me aceitando nesse processo formativo. Isso foi importante para que eu me sentisse mais segura durante os momentos síncronos. Além disso, vejo que no ambiente remoto a codocência teve um significado ainda mais especial, visto que é um ambiente que muitos professores dizem se sentir solitários. Dessa forma, ter dois professores durante os momentos síncronos possibilitou nos sentirmos acompanhados e ampliar as relações no ambiente remoto.

Figura 12: Aula ministrada para o 2º ano sobre Geografia da População.



Fonte: Captura de tela, arquivo pessoal da autora.

A oportunidade de ministrar aulas sozinhas (Figura 12), mas podendo planejá-las e discuti-las juntamente com meus professores orientadores me permitiu entender que a Geografia Escolar não necessariamente está subordinada ao que se prescreve para ela na Academia e que ela não é uma simplificação da ciência (CAVALCANTI, 2008, p. 27). Entender isso foi fundamental para que eu pudesse repensar minha prática docente de modo que eu rompesse com a perspectiva de uma prática que tente simplificar e/ou converter a ciência geográfica para a escola.

Uma dificuldade em ministrar aulas no modelo remoto para mim foi agir com naturalidade diante da câmera. Foi muito difícil para mim ter que me expressar na frente da tela de um computador e ser espontânea durante as aulas, isso nem sempre deixava o momento da aula prazeroso para mim. Me sentia artificial, sentia falta do contato humano e mesmo agora, já concluindo a Residência, sinto que isso ainda é uma dificuldade muito presente em mim.

Reflico sobre como isso vai repercutir em mim quando voltar para a sala de aula presencial. Guedes (2020) ao pensar no pós-pandemia, levanta uma consideração a respeito do medo que se instala no ser humano professor de perder sua identidade construída dentro da sala de aula para algo virtual. O meu medo já é por conta de um movimento contrário: como perder essa artificialidade vivenciada no remoto para construir uma identidade dentro da sala de aula? Como será a minha

Confesso que ficar nesse mesmo ambiente monótono todos os dias me causava um certo “enjoamento” e me fez sentir ainda mais saudade da escola.

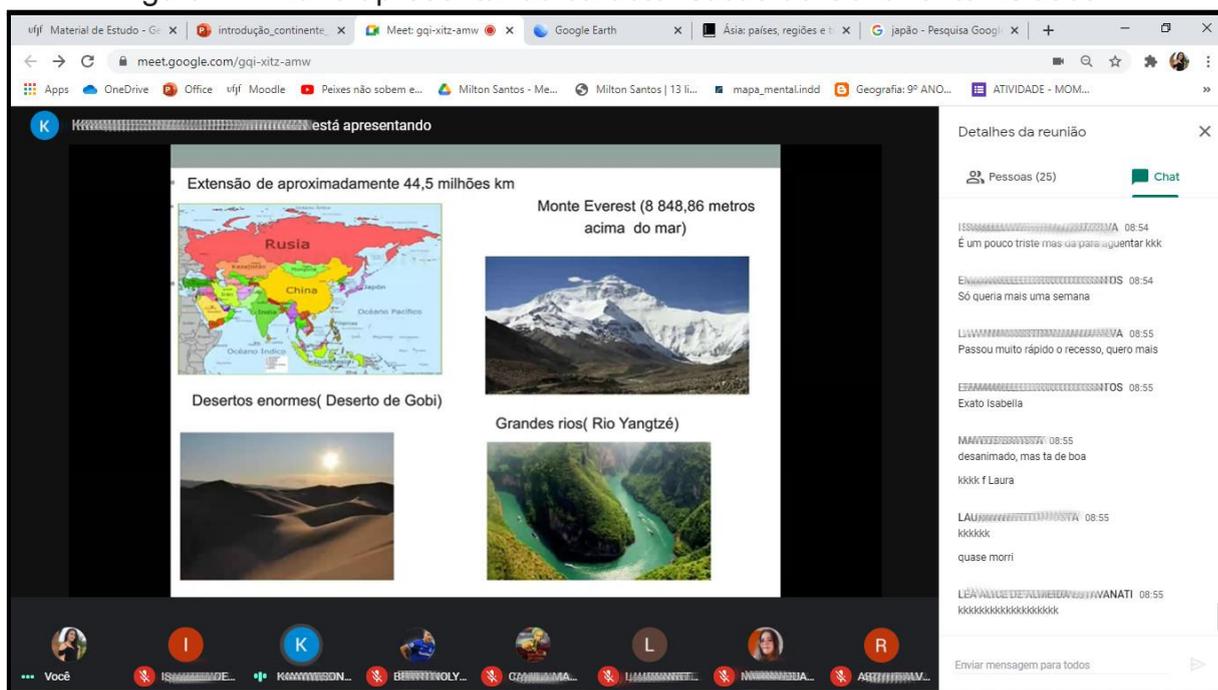
“Eu queria uma aula que a gente construísse o conhecimento juntos”
(Mensagem de uma aluna do 1º ano do Ensino Médio)

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino**. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p. 14)

A Residência me possibilitou entender e vivenciar aquilo que Paulo Freire diz ser natural da prática docente: indagação, busca e pesquisa. E como isso aconteceu no remoto! Tomarei como exemplo o retorno de uma aluna no chat da plataforma quando eu e Dinho dizíamos para os alunos que eles poderiam se sentir à vontade para nos dar retorno sobre nossas aulas e até fazer sugestões de recursos que poderíamos utilizar em nossas aulas. Uma aluna colocou no chat: “eu queria uma aula que a gente construísse juntos o conhecimento”. Até hoje não sei como isso é possível, mas a verdade é que houve um movimento muito grande entre nós para alcançar isso e que foi preciso muita busca e pesquisa.

No ensino fundamental II, por exemplo, eu e a professora Andreia adotamos uma estratégia de dar liberdade para que os alunos pudessem apresentar/explicar o conteúdo referente ao momento da matéria para os outros alunos (Figura 14). Dessa forma, eles poderiam explicar para a turma contando com a nossa ajuda. Dois alunos, na próxima aula, vieram com um material preparado para apresentar o conteúdo sobre o continente asiático. Assim foi possível ouvir o que eles tinham a dizer sobre o conteúdo, o que compreenderam ou não compreenderam e nós professoras estávamos ali presente para complementar, corrigir e juntos construir a aula sobre o continente asiático. No entanto, poucos alunos aderiram a ideia e não tivemos participações como essa nas próximas aulas.

Figura 14: Aluno apresentando características do Continente Asiático



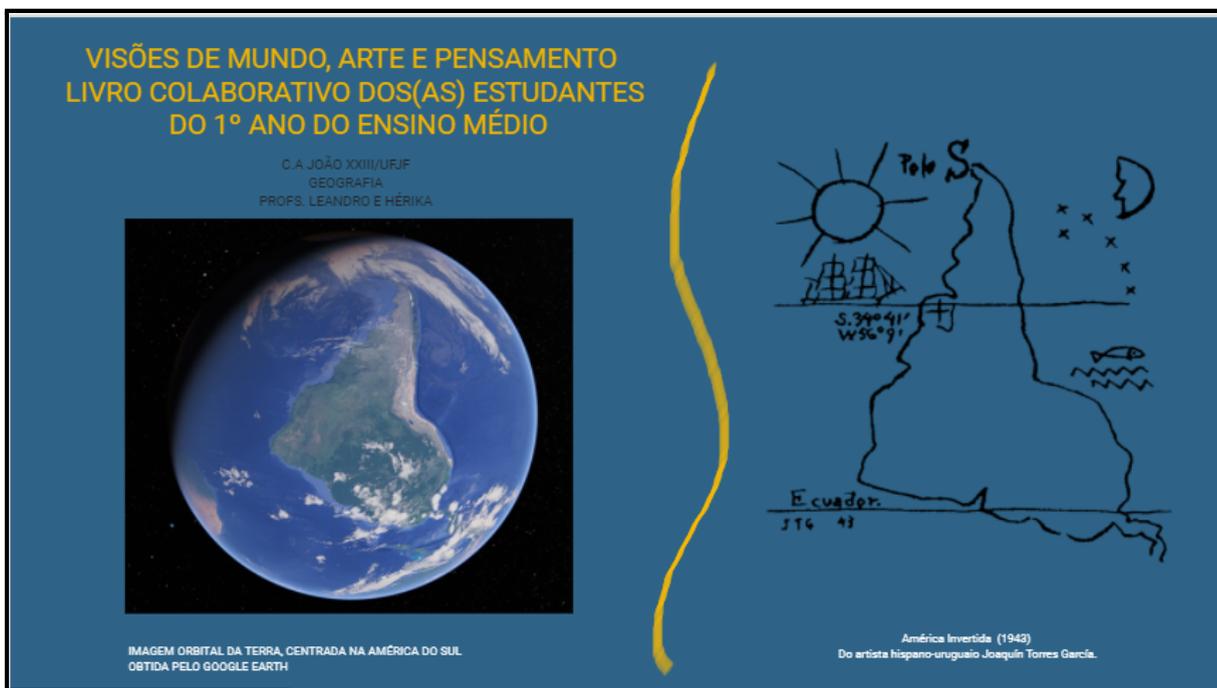
Fonte: Captura de tela, arquivo pessoal da autora.

Houve também muita pesquisa para o planejamento de nossas aulas, montagem de material, busca por vídeos, séries e filmes, e outros recursos que possibilitaram uma aula mais interativa no modelo remoto. Neste âmbito propusemos também, para o ensino médio, seminários em grupo com apresentação de trabalho durante a aula síncrona.

A ideia do seminário em grupo nas aulas de Geografia foi vista por nós professores como uma forma de estimular o contato e a troca de ideias entre os alunos para que eles se organizassem e planejassem as atividades em conjunto, principalmente neste momento de isolamento social. A respeito da apresentação durante a aula síncrona, reconhecendo que nem todos têm a possibilidade de utilizar um microfone e/ou câmera, deixamos apenas a opção para apenas um integrante do grupo apresentasse o trabalho no momento síncrono.

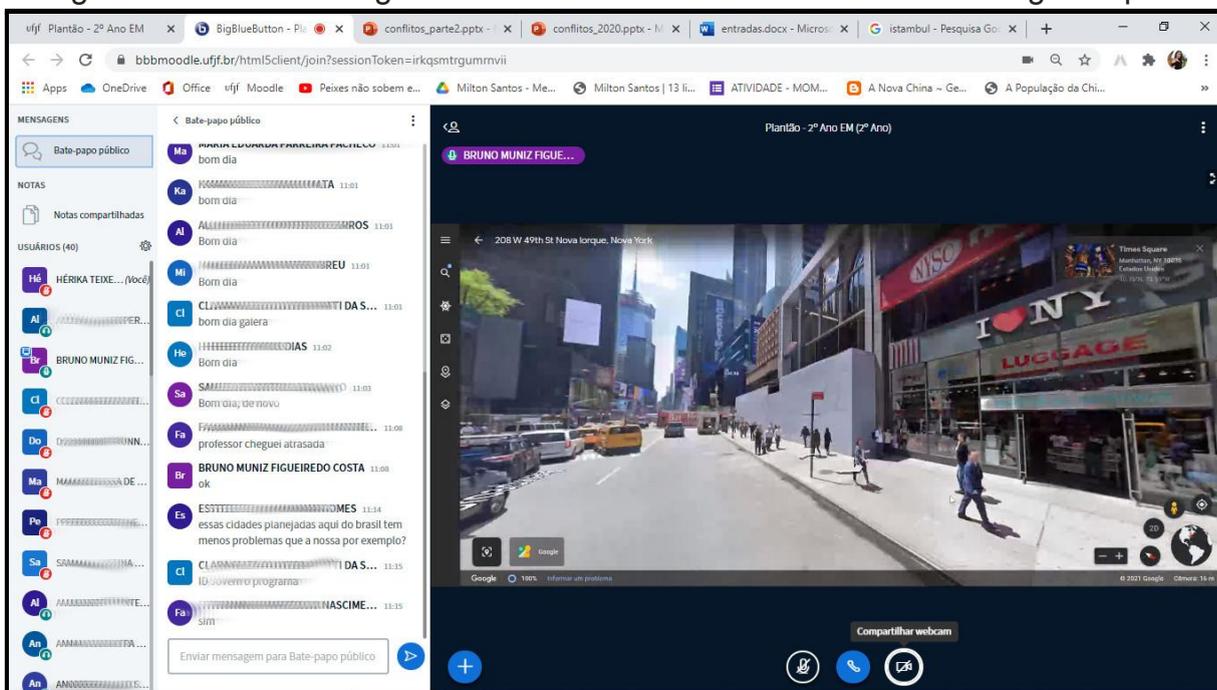
Dentro desse contexto, uma plataforma utilizada por nós para a construção de um trabalho em conjunto foi o Google Jamboard. Essa ferramenta funciona como um quadro colaborativo em que todos podem montar o seu trabalho de forma colaborativa. O trabalho intitulado "Visões de mundo, arte e pensamento" envolveu o conteúdo de Cartografia e tinha como objetivo uma ampliação das interpretações cartográficas dos estudantes, em que cada grupo deveria apresentar uma outra percepção de mundo dialogada com alguma arte (Figura 15).

Figura 15: Capa do Google Jamboard: Seminário Visões de Mundo, Arte e Pensamento



Fonte: Captura de tela feita a partir do Google Jamboard.

Figura 16: Aula de Geografia Urbana utilizando o Street View do Google Maps



Fonte: Captura de tela feita, arquivo pessoal da autora.

Diante da impossibilidade de promovermos aulas de campo, um recurso utilizado em nossas aulas de Geografia foi o Google Earth, principalmente no Ensino

Médio com os temas relacionados à Geografia Urbana, Indústria e Turismo. Essa vivência me demonstrou, sendo professora, como “as velozes transformações tecnológicas da atualidade impõem novos ritmos e dimensões à tarefa de ensinar e aprender” (KENSKI, 2003, s/p).

[29/5 08:41] Hérika: Bom dia, Andreia!!
 segue o link com a correção do momento 3 do 9º ano.
 [29/5 08:42] Hérika: bom final de semana! 🌸
 [29/5 08:43] Andreia (João XXIII): Ah que bom! 🙏🙏🙏
 [29/5 08:43] Andreia (João XXIII): 😊
 [29/5 08:44] Andreia (João XXIII): Bom fds para vc tb.

Outro desafio vivenciado por mim neste momento de ERE foi o distanciamento e falta de contato com os alunos. Em dois momentos isso se tornou mais evidente: no momento de aula síncrona em que não víamos como os alunos estavam diante de nossas aulas. Além disso, em diversos momentos quando fazíamos uma pergunta para os alunos ficávamos, muitas vezes, sem respostas. Quando as respostas chegavam eram mensagens breves do tipo “entendi”, “tudo certo”, “pode seguir”. Outro momento era o de correção dos exercícios em que nós professores enviávamos um feedback para os alunos a respeito da sua atividade enviada.

A respeito do primeiro momento, buscarei refletir com base em um artigo intitulado “O professor e o aluno no contexto da pandemia de COVID-19: o fazer educacional na visão dialógica” encontrado durante minhas pesquisas e leituras. Tal artigo me chamou atenção pelo fato de os autores fazerem uma análise desse novo contexto de aula a partir dos estudos de Bakhtin em suas obras *Estética da Criação Verbal* e *Para uma Filosofia do Ato Responsável*. Os autores então questionam:

Se um diálogo pressupõe uma resposta, qual é a resposta recebida pelo professor que tenta dialogar com alunos, porém não consegue estabelecer essa interação devido a diferentes contingências, que vão desde a conexão da rede, problemas de vídeo e/ ou voz, até o ambiente no qual o aluno assiste às aulas, que pode não ser propício para essa interação (por vezes em casa, com muito barulho e interferências que são naturais no ambiente doméstico? DIEDRICH, SANTOS, OLIVEIRA, 2020, p. 242)

É fato que o ERE trouxe uma nova configuração para as salas de aula, o espaço, que antes era a sala de aula com professores e alunos juntos, agora se passa pela tela do computador e pelo espaço particular da casa de cada sujeito. Como então estabelecer uma relação dialógica e alteritária durante a aula com os alunos neste contexto em que não os vemos, não ouvimos e não temos suas respostas?

Eu, enquanto professora recém formada, durante minhas aulas síncronas não conseguia ver os meus alunos, como eles estavam reagindo às minhas explicações, se estavam focados em outra coisa que não fosse a minha aula, se estavam conversando ou não entendendo nada. Isso tudo é importante para que eu fosse moldando minha prática enquanto docente. Dessa forma, em muitos momentos durante a aula eu me sentia perdida, não sabia se explicava novamente ou se seguia com o conteúdo por exemplo, o que não aconteceria no presencial, visto que:

Se compararmos com a presencialidade, o ato de resposta é importante, mas ele pode ser feito de várias maneiras. Quando o eu formula seu discurso e suas ações, o outro responde com gestos, acenos, olhares, movimentos, resmungos, posturas. Todos esses recursos podem ser usados para que a pessoa que está propondo a interação, no caso, o professor, perceba que caminho seguir. Mas, nas aulas remotas, mediadas por tecnologia, a importância da réplica, de dar retorno, dar resposta, dar um feedback sobre as atividades é ainda maior, pois os recursos paralinguísticos são, muitas vezes, quase impossíveis de serem percebidos. (DIEDRICH, SANTOS, OLIVEIRA, 2020, p. 246)

No entanto, apesar disso, preciso compreender o atual momento que estamos passando e não ter um olhar de julgamento ou de decepção para com os alunos. No ERE e no contexto de pandemia há vários fatores que limitam ou até mesmo impedem que a participação dos alunos durante as aulas sejam efetivas, como internet de má qualidade, falta de acesso à aparelhos como câmera e microfone, questões relacionadas ao ambiente domiciliar (barulho, impossibilidade de um cômodo apropriado para acompanhar as aulas), timidez, etc.

No que tange ao segundo momento de dar feedback para os alunos em sua atividade era para mim um momento muito delicado a ser feito. Isso porque não era possível saber como o aluno iria reagir ao ler meu recado diante desse momento delicado de pandemia e isolamento social. Por vezes, diante de uma atividade que não atendia adequadamente ao proposto, me questionava: o que esse aluno está

passando em casa? Será que está tendo que trabalhar para ajudar no sustento de casa? Cuidando dos irmãos para que os pais pudessem trabalhar? Sentindo-se ansioso, solitário? Diante dessas incertezas, tentava escrever de forma mais delicada possível o feedback pensando na forma que o aluno poderia interpretá-lo.

[15/6 12:32] Andreia (João XXIII): Olá! Este grupo foi criado para facilitar nossa interação durante a realização do Estágio Curricular em Geografia, em 2021, no EF2.

Sejam bem vindos ao ERE do CAP João XXIII.

[15/6 12:34] Idevarte: Olá! Muito obrigado pela iniciativa e por nos receber tão prontamente nesse momento conturbado!

[15/6 12:36] Marcos: Certo, muito obrigado. E vamos com tudo!

[15/6 12:37] Andreia (João XXIII): *bem vindos

[15/6 12:37] Andreia (João XXIII): É isso aí!

[15/6 12:39] Andreia (João XXIII): Adicionei a Hérika, bolsista do Programa da Residência Docente e a Marina, bolsista de Treinamento Profissional.

[15/6 12:57] Hérika: Oi, pessoal! Boa tarde! Bem vindos!

Sou a Hérika e como Andreia disse, sou a residente de Geografia... Contem comigo! 😊

Outra vivência muito significativa para minha formação foi poder estar em contato com alunos da graduação em Geografia: estagiários e bolsistas de Treinamento Profissional⁶. Dessa forma, em momentos de orientação, havia o encontro entre as diversas etapas de formação: formação inicial e continuada juntamente com a presença do professor orientador mais experiente, sem que isso significasse uma hierarquia entre nós, mas sim uma rede de colaboração. Poder participar dessas reuniões de orientação foi importante para que eu pudesse me afirmar enquanto professora e como alguém que poderia contribuir na formação inicial de outro professor.

Um exemplo desse trabalho colaborativo entre nós foi a construção conjunta de uma prova sobre o conteúdo de Geografia Agrária e Indústria utilizando o recurso Google Formulário e como suporte para as questões, ao invés de utilizarmos textos escritos, optamos por pequenos vídeos disponíveis no Youtube. Dessa maneira, os alunos assistiam o vídeo e respondiam ao comando da questão. Houve um retorno muito positivo dos alunos ao final da realização da prova, isso mostra que quando temos um planejamento compartilhado, novas ideias surgem a partir da experiência

⁶ O bolsista de treinamento profissional auxilia professores e técnico-administrativos da UFJF em atividades ligadas a algum setor ou projeto específico da Universidade ou do CAp João XXIII.

profissional e acadêmica de cada um. Como professora, haverá momentos em que eu também possa vir a receber estagiários em minha sala de aula e por ter passado por essa experiência enquanto professora residente estarei mais preparada para trabalhar nessa orientação.

A carga horária da Residência Docente também conta com disciplinas envolvendo a pós-graduação que nós residentes devemos cursar. No total, são oito disciplinas: Pesquisa e Saberes na/da Prática Docente, Educação Especial na Perspectiva da Inclusão, Seminário da Educação Básica Contemporânea, Direitos Humanos, Diversidade e Ética, Tecnologias no Processo de Ensino e Aprendizagem, Orientação de Trabalho de Formação Docente (I e II) e o Trabalho de Conclusão de Curso.

Através de tais disciplinas foi possível ter contatos com temas que tive pouco ou nenhum contato durante a graduação e ampliar meus horizontes a partir das discussões estabelecidas em cada uma. Além disso, durante os encontros síncronos para as aulas havia o encontro entre todos nós residentes, o que proporcionava um encontro interdisciplinar muito rico através das nossas trocas de experiências.

No próximo momento, ainda dentro do contexto da Residência Docente, dedico-me a contar sobre a vivência da pesquisa no âmbito do Trabalho Final Docente.

4. TERCEIRO MOMENTO

Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura
(Guimarães Rosa)

26/10/20 17:49 - Hérika Souza: o que tá me apavorando mais nisso de TFD é encontrar um tema específico
 26/10/20 17:50 - Hérika Souza: não sei como chegar nisso
 26/10/20 17:50 - Bruno (João XXIII): Mas o TFD não tem q ser necessariamente uma pesquisa
 26/10/20 17:50 - Bruno (João XXIII): Pode ser tbem um produto
 26/10/20 17:50 - Bruno (João XXIII): Um diário..
 26/10/20 17:50 - Bruno (João XXIII): Uma produção audiovisual..
 26/10/20 17:50 - Bruno (João XXIII): Um caderno de mapas..
 26/10/20 17:50 - Bruno (João XXIII): Sei lá
 26/10/20 17:50 - Hérika Souza: verdade, tem isso mesmo
 26/10/20 17:50 - Bruno (João XXIII): Vou dando ideias aqui até logo
 26/10/20 17:50 - Bruno (João XXIII): kkk

O Programa de Residência Docente, dentro da área de produção acadêmica, exige que cada residente produza um trabalho final, o chamado Trabalho Final Docente (TFD). Encontrar o caminho para produção desse trabalho para mim foi um pouco tortuoso. Não conseguia decidir o que fazer. Como não tinha tido experiência de fazer um trabalho final de curso durante a graduação, optei por fazer uma pesquisa. Mas difícil estava sendo encontrar sobre o que e como pesquisar.

Dentro desse contexto, através do convite dos orientadores passei a participar dos encontros do Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância (GRUPEGI). No grupo é discutido como as vivências humanas ocorrem em um tempo, mas também em um espaço. Sendo assim, todos nós possuímos uma dimensão histórica, temporalidade, mas também possuímos uma dimensão geográfica, espacialidade. Dessa forma, busca compreender como os arranjos sociais e culturais produzem as infâncias em seus diferentes espaços, tempos e como as crianças se apropriam dessas dimensões.

Em dezembro de 2020, eu e os orientadores nos reunimos para pensarmos em questões referentes ao TFD. Encontrar a questão orientadora era fundamental para avançarmos na pesquisa, e essa conversa em grupo poderia me dar um direcionamento maior. Em conjunto fizemos uma “chuva de ideias” a partir das

minhas observações como residente, elencando várias possibilidades de caminhos para o TFD.

Algumas questões de pesquisa foram surgindo, como “o que significa a rotina da escola em tempos de pandemia?”, “como os jovens lidam com a tecnologia?”, “como os estudantes vivenciam a pandemia?”, “quais os desafios e expectativas de alunos de cada segmento?”, “como a pandemia se espacializa no João XXIII?”. A reunião foi muito produtiva no levantamento de ideias e propostas para o TFD e a questão final foi: “o que eu quero responder?”

Pouco mais de um mês se passou e eu ainda não tinha a resposta. A ansiedade pela construção do projeto de pesquisa foi aumentando à medida que se aproximava a data do segundo seminário da Residência Docente, evento que nós residentes teríamos que apresentar nossas ideias iniciais sobre o TFD para os outros orientadores e coordenadores do programa.

Mas nós vibramos em outra frequência
Sabemos que não é bem assim
Se fosse fácil achar o caminho das pedras
Tantas pedras no caminho não seria ruim
(Engenheiros do Hawaii)

Certa vez, li em uma dissertação de mestrado que “muitas vezes a pesquisa nos aparece como um acerto de contas com o passado.” Essa frase diz muito sobre o meu encontro com a pesquisa na residência docente e o texto “Notas sobre a experiência e o saber” de Jorge Larrosa, me faz refletir sobre a dificuldade em encontrar a questão de pesquisa.

A partir do processo de orientação de pesquisa para o TFD e na disciplina de Pesquisa e Saberes da especialização, compreendi que para fazer uma pesquisa você precisa acreditar nela e que ela tenha algum sentido para você. Responder algumas questões pode te ajudar nesse processo, como “o que te incomoda?”, “o que te motiva?” e/ou “o que te encanta?”. Isso exige, de certo modo, um autoconhecimento e experiência, mas experiência no sentido abordado por Jorge Larrosa, que segundo ele, nos dias de hoje é cada vez mais rara:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado

para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (LARROSA, 2002, p.21)

Essa leitura me fez refletir sobre a minha dificuldade em encontrar a minha questão de pesquisa e para responder as questões citadas no parágrafo anterior. Muita coisa se passou e aconteceu durante minha vida, mas nem sempre nos dedicamos para observar e sentir o que nos passa e o que nos acontece, seja pelo excesso de informação, de opinião, pela falta de tempo e pelo excesso de trabalho. Minha graduação não exigia como requisito obrigatório o trabalho de conclusão de curso, por optar em não fazer, ainda não havia passado por essa experiência de escolher um tema de pesquisa.

Com a ajuda dos orientadores definimos conjuntamente a questão de pesquisa: “*como estudantes vivenciam a Geografia Escolar no Ensino Remoto Emergencial?*”. Entendemos a vivência a partir do campo teórico da teoria histórico-cultural de Vigotski, uma das referências estudadas pelo GRUPEGI:

A vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado - a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento. (VIGOTSKI, 2010, p. 686)

A teoria histórico-cultural compreende o processo de humanização a partir da interação da filogênese (a história da espécie), ontogênese (a história do indivíduo dentro da espécie) e sociogênese (a cultura do grupo no qual o indivíduo se insere). Essa interação, portanto, é singular a cada indivíduo, o que faz com que cada vivência humana seja única.

Dessa forma, podemos concluir que mesmo que várias pessoas passem por um mesmo evento ou situação, que nosso caso é a pandemia da COVID-19 e o consequente ERE, nenhuma delas vivenciará da mesma maneira o que se passaram juntas.

Acredito que as vivências dos alunos com as disciplinas podem e devem ser campos de investigação, o que é muitas vezes negligenciado ou deixado de lado pelo fazer científico. Para além da compreensão do “como se deve fazer o currículo”, é importante também a compreensão do “o que o currículo faz” (GONÇALVES, 2010).

Além disso, as aulas de Geografia estão entre as várias possibilidades de formação geográfica: imagens, filmes, novelas, livros didáticos, séries, redes sociais e propagandas também produzem representações de Geografia e que edificam opiniões, visões e interferem nas relações que estabelecemos com os lugares. De modo algum esses outros espaços é indissociável da Geografia Escolar (GONÇALVES, 2010).

Dessa forma, os saberes geográficos vão sendo constituídos na trajetória de cada estudante, saberes que são vinculados às suas vivências. Ainda com base em Gonçalves (2010), a Geografia Escolar está relacionada a tudo que é produzido para, por e no ambiente da escola e da disciplina Geografia, sendo ela um lugar de convergência tensa e criativa de visões produzidas pelas mais diversas instâncias culturais. Logo, nós como professores e professoras, não podemos negar ou ignorar essas outras vivências que também constituem uma formação geográfica.

Além disso, desenvolver essa pesquisa iria me oportunizar dialogar diretamente com alguns estudantes, isso me cativou muito, visto que por conta do ERE não foi possível conhecer tão bem os alunos. Como aborda Mello (2020), o encontro com o outro é a primeira possibilidade que a gente tem de ir ao encontro de si: é só na relação com o outro é que me constituo alguma coisa de identidade provisória, dialógica e alteritária.

Mas como eu poderia ir ao encontro do outro de forma que fosse possível ouvir suas enunciações, considerando-o não como um objeto, mas como um ser expressivo, vivo e falante em um contexto de ERE? Eu precisaria conversar com eles, visto que:

A única forma de não aniquilar os sujeitos das pesquisas é escutar suas vozes. Precisamos, sim, interrogá-las, deixando que cada sujeito revele sua autoconsciência - e uma consciência só se revela pelo diálogo. (MELLO, 2020, p. 182)

A minha escola não tem personagem

A minha escola tem gente de verdade
Alguém falou do fim-do-mundo
O fim-do-mundo já passou
Vamos começar de novo
Um por todos, todos por um
(Legião Urbana)

A partir disso compreendi a importância do diálogo para que eu pudesse compreender as vivências de estudantes com a Geografia Escolar no ERE. Dessa maneira, busquei por uma metodologia de pesquisa que fosse possível esse encontro com o outro.

4.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Acredito que a escolha pela metodologia de pesquisa deve ser feita considerando o referencial teórico da pesquisa para que o pesquisador não caia em contradições. Portanto, os preceitos elaborados por Bogdan e Biklen (1994) a respeito da pesquisa qualitativa se aproximam do nosso referencial teórico, pois tem nas significações do outro o centro da pesquisa.

Os preceitos defendidos pelos autores são: a fonte direta de dados é o ambiente natural (constituindo o investigador o instrumento principal), a investigação qualitativa é descritiva (os dados recolhidos são em forma de palavras e imagens e não de números), os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que pelos resultados ou produtos. Por fim, tendem a analisar os seus dados de forma indutiva e o significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

Tendo a pesquisa qualitativa como condutora, o caminho investigativo escolhido para que eu pudesse ouvir e compreender os estudantes, foi a realização de entrevistas semi estruturadas, pela possibilidade de deixar os sujeitos livres para exporem seus pensamentos e falas. Além disso, vejo que esse tipo de entrevista nos permite uma flexibilidade maior para lidar com as singularidades que aparecem no campo, visto que seria possível realizar novas perguntas de acordo com as respostas que viessem a surgir.

Inicialmente, estava vendo a escolha por entrevistas como um desafio e até um obstáculo. Apesar da minha inserção nas turmas por conta da minha atuação como professora residente, presumia que ninguém iria aceitar participar da pesquisa comigo, levando em consideração o contexto de ERE e a pouca participação com

microfones e câmeras. Mas, apesar dessa insegurança e me apoiando em Bakhtin (1997), compreendo que em se tratando da pesquisa em ciências humanas, devemos buscar a postura do dialogismo, que possibilita a interlocução entre o pesquisado enquanto sujeito e o pesquisador, principalmente quando se trata de vivências. Como aborda Jerebtsov e Prestes (2019):

Se as vivências são históricas, emergem ligadas ao surgimento da consciência, estão determinadas pela prática da vida e pelo nível de desenvolvimento do sistema de significados da pessoa, se possuem uma natureza semântica, são psicológico-sociais, dialógicas, têm sua lógica interna, então é preciso estudá-las dialogicamente, em processo de pensamento, no experimento semântico e na análise das situações de vida do estudante, no restabelecimento de seu sistema de significados, por meio do qual as vivências se constituem. Outros meios e métodos de estudo das vivências não podem ser reconhecidos como adequados. (JEREBTSOV e PRESTES, 2019, p. 688)

Foi com esse pensamento e com muita timidez que, durante a aula síncrona, conversei com as turmas sobre a necessidade de nós residentes elaborarmos um trabalho final para finalizarmos o curso, sobre a minha pesquisa que envolvia a vivência de estudantes e que para isso, precisaria realizar entrevistas com eles. Perguntei, sem expectativa, se alguém se voluntariaria a participar.

A resposta dos estudantes a minha pergunta contrariou a minha expectativa, pois não imaginava tantos alunos querendo participar e no momento, fiquei sem saber como selecionar um. Como as entrevistas qualitativas são cumulativas e entendendo a necessidade de realizar quantas entrevistas fossem necessárias com cada sujeito, não seria viável e possível trabalhar com um grande número de entrevistados. Sobre os indivíduos que se voluntariaram a participar, utilizei como critério para escolha, no ensino fundamental II e no ensino médio, o estudante que respondeu primeiro no chat a minha pergunta.

As entrevistas foram marcadas individualmente em dias e horários convenientes para mim e para as entrevistadas. Uma aluna era do 2º ano ensino médio, uma do 9º ano do ensino fundamental. Utilizamos a plataforma Google Meet para a realização das entrevistas. No início de cada entrevista informei que a videochamada seria gravada, o que não foi nenhum empecilho para as entrevistadas. Deixei claro, também, que as imagens não seriam divulgadas em nenhum meio e apenas suas falas seriam transcritas.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994) as boas entrevistas caracterizam-se pelo fato de os sujeitos estarem à vontade e falarem livremente sobre os seus pontos de vista, por isso é importante que os entrevistados se sintam confortáveis para se expressarem. A respeito disso, me preocupava se as estudantes iriam se sentir envergonhadas ou desconfortáveis durante as entrevistas, pois nunca tínhamos nos encontrado pessoalmente. Elas me conheciam pelos momentos de aulas síncronas em que sempre mantinha minha câmera e áudio ligados, mas eu nunca as tinha visto pela câmera ou escutado suas vozes, já que não era comum os estudantes se comunicarem assim durante as aulas. No entanto, já na primeira entrevista senti todas as estudantes confortáveis com a situação e não notei que estavam com vergonha por estarem em uma videochamada apenas comigo.

Sobre as questões éticas envolvendo a pesquisa, desde o início houve o cuidado em seguir as determinações do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFJF, principalmente porque as estudantes do ensino fundamental II e do ensino médio eram menores de idade. Por isso, me atentei em entrar em contato com os responsáveis para que se eles se mantivessem cientes da pesquisa e autorizassem a participação das entrevistadas. Este contato, por conta do isolamento social, foi feito via e-mail e Whatsapp. Para as devidas autorizações, utilizei o Termo de Assentimento e Livre Esclarecido e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Como já citado, assegurei/asseguro não divulgar a identidade das estudantes participantes da pesquisa (e nem dos outros estudantes que fazem parte das minhas vivências relatadas nesse trabalho) e seus responsáveis. Além disso, todos procedimentos realizados durante a pesquisa tiveram consentimento das estudantes, inclusive a respeito da gravação das entrevistas. A respeito disso também garanto que essas gravações não serão divulgadas, compartilhadas e/ou encaminhadas para nenhuma pessoa, site ou instituição que venha a trazer algum tipo de dano a elas.

Optei por não ocultar o nome da escola onde se realizou a pesquisa, visto que ela também é local onde se desenvolve o Programa de Residência Docente da UFJF, entendendo a importância e o significado da divulgação acadêmica e social de programas de formação continuada para professores. No que tange à devolutiva da investigação me comprometo em divulgá-la através da publicação de artigos e participação em eventos acadêmicos, como forma de evidenciar a importância e

necessidade de programas de formação continuada como o da Residência Docente e para que inspirem outros professores de Geografia recém formados.

4.1.1. TENTANDO O EXERCÍCIO DE UMA HETEROCIÊNCIA

Durante a entrevista tentei dialogar e estar com as estudantes. Por isso, tentei me colocar no encontro com os sujeitos, não somente como uma professora-pesquisadora que sou, mas também como a Hérika que foi e ainda é estudante de uma pós graduação, ademais até pouco tempo eu também estava em uma situação de estudante da escola básica:

Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim? Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto”, em quem não reconheço outros eu? Como posso dialogar, se me sinto participante de um “gueto” de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”? (FREIRE, 1987, p.)

Diante da riqueza dos diálogos entre mim e as estudantes, fiquei me perguntando como eu poderia trazer as enunciações delas para a minha escrita. Para mim isso se tornou uma questão muito cara, já que durante minha caminhada na residência, poucas vezes tive a oportunidade de ouvir os estudantes.

Para tentar solucionar essa questão, encontro como referência o estudo da heterociência desenvolvido pelo grupo de estudos ATOS da Universidade Federal Fluminense (UFF). Encontrei esse estudo a partir da leitura do livro “Amor em Tempos de Escola”, em que é buscado, a partir da teoria de Bakhtin, uma “metodologia de pesquisa que leve em consideração a polifonia, a bivocalidade e a autoria tanto dos sujeitos como do pesquisador” (MELLO, 2020, p. 185, grifo da autora).

Como mencionado, o grupo tem como referência as leituras e estudos da linguagem de Bakhtin e seu Círculo, mais especificamente as obras de Bakhtin, Volochínov e Medviédev. Dentro desse contexto, Mello (2020) cita os princípios do grupo que irei descrever brevemente a seguir: o sujeito das ciências humanas é um sujeito falante, contra a ciência das generalizações. Uma heterociência se constrói pela escuta do sujeito do ato. O plano estético do autor é a criação de um cronotopo

artístico em que os sujeitos enunciam. O sujeito do enunciado tem projeto discursivo com sua visão de mundo em um gênero. A palavra semi-alheia, é própria quando a povoo de meu acento. O ato discursivo é singular no reiterável. Cronotopo, o singular no reiterável e, por fim, criação de planos polifônicos em gêneros que garantem a enunciação do ser expressivo e falante.

A heterociência faz uma crítica ao gênero dissertativo presente nas escritas de pesquisa, em que a palavra final é sempre do autor, apresentando uma interpretação de como foi a “ida a campo”, o que os sujeitos disseram, como disseram e o que eles pensam, sempre também de forma monológica. Como alternativa, o grupo tem produzido escritas acadêmicas em outros gêneros que não o dissertativo para alcançar uma escrita dialógica e para manter as palavras dos sujeitos equipotentes, tentando preservar na íntegra a palavra do outro.

Foi pautada também nessas perspectivas da heterociência é que busquei organizar este TFD em três momentos e não com aquela estrutura clássica de trabalhos de pesquisa organizados em introdução, objetivos, metodologia, resultados e discussões. Nos dois primeiros momentos relatados tive o intuito de contar os caminhos que me fizeram chegar até aqui e algumas vivências neste processo da Residência Docente no Ensino Remoto Emergencial. Busquei alcançar uma escrita dialógica a partir do cotejo de diversos outros textos, como imagens, poesia, música, registros meus e de alunos, e-mails, notícias e conversas de Whatsapp. O objetivo com isso é dar contexto ao texto, como afirma Geraldi (2014):

Dar contextos a um texto é cotejá-lo com outros textos, recuperando parcialmente a cadeia infinita de enunciados a que o texto responde, a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí sem que se explicitem porque houve esquecimento da origem (GERALDI, 2014, s/p).

Dessa forma, buscamos dialogar com esses diferentes textos e fazer emergir mais vozes do que aquelas que são evidentes. Outra questão importante é que é preciso reconhecer, cada um desses textos, na sua qualidade de enunciado e não como um objeto mudo.

Para este terceiro momento em que narro sobre os caminhos para o TFD, busco também um alargamento do gênero dissertativo. Por isso, a parte que se faz normalmente os “resultados e discussões” irei apresentar de uma forma diferente. Para tanto, irei me pautar no capítulo “Constelar: Aprendendo o exercício de uma

heterociência” presente também no livro *o Amor em Tempos de Escola*. No capítulo, as autoras nos convidam a refletir a respeito das pesquisas em Ciências Humanas a partir de Bakhtin:

Em tempos de tentativas de fragmentação dos seres humanos, em que a ciência veste-se do dogmático discurso da verdade única, em que as Ciências Humanas buscam interpretar a vida, utilizando-se de métodos exatos ou monológicos, na pretenciosa definição do seu “objeto” de estudo, o homem, Bakhtin provoca a pensarmos em outras relações entre as verdades e aprendermos a prática da ciência do ato irrepitível. Convoca-nos a construir um pensamento polifônico no mundo, ao pensarmos os sujeitos das Ciências Humanas não como um objeto, coisa morta, mas como um ser expressivo vivo e falante. (MELLO, 2020, p. 176)

Reflijo como essa passagem faz total sentido com o que busco compreender através dessa pesquisa. Não busco uma verdade única ou generalizar como todos os estudantes vivenciam a Geografia Escolar no ERE. Além disso, consigo estabelecer uma relação entre Vigotski, autor que me baseio para o conceito de vivência e Bakhtin: as vivências de uma situação por certo sujeito são únicas, individuais e irrepitíveis. Dentro disso, apenas a pessoa que vivencia pode nos dizer a respeito dela e, para compreendê-las, é preciso escutá-la.

Nesse ínterim e retomando ao artigo, as autoras questionam: como fazer essa ciência do ato irrepitível e singular? Como estudar o ser humano e seus processos sem objetificar o “objeto” desse estudo e o sujeito que compreende? Perante a esses desafios, o grupo de pesquisa ATOS vem buscando por uma metodologia que possibilite ouvir as vozes dos sujeitos pesquisados de forma plurivalente e equipotente, a partir da criação de um plano estético-discursivo que busca romper com o monologismo e trabalhar com a polifonia. (MELLO, 2020, p. 184).

Dessa forma, o grupo ATOS, em 2015, tecendo uma autocrítica ao monologismo presente em seus próprios trabalhos, iniciou exercícios de escrita e reescrita de materiais discursivos, em especial na parte referente a apresentação dos dados, a partir da inserção de outros gêneros literários/discursivos.

Assim sendo, me coloco a realizar este mesmo exercício. Tendo feito as transcrições das entrevistas, faço um movimento de tentar reescrevê-las e criar, a partir do encontro dialógico que tive com cada estudante, planos polifônicos em gênero narrativo em que os sujeitos enunciam. Nas narrativas, embora as entrevistas tenham ocorrido separadamente, coloco em diálogo comigo as duas

estudantes, com a tentativa de colocar em jogo vozes e vivências diferentes que enunciam visões de mundo diversas e únicas. Além disso, na narrativa coloco outros diálogos estabelecidos, como por exemplo, entre mim e os professores orientadores. O intuito dessa construção é a criação de um cronotopo artístico a partir do encontro de palavras, visto que os sujeitos estão separados no tempo e no espaço das entrevistas, e garantir o sentido e a polifonia.

Gostaria de ressaltar que este é o meu primeiro exercício de reescrita com o intuito de alargar o gênero dissertativo, em especial a parte dos “resultados e discussões”, visto que ainda não me aprofundei nos estudos da heterociência e de Bakhtin. Dessa forma, por ser o meu primeiro contato, o que temos a seguir se trata de um esforço em não realizar uma escrita de “pesquisa monológica em que o pesquisador analisa, interpreta, diz e dá acabamento ao que seus sujeitos de pesquisa trazem, abafando suas vozes no discurso único e verdadeiro do autor/pesquisador” (MELLO, 2020, p. 185).

A seguir está a narrativa construída na tentativa desse exercício, chamada Diálogos e Vivências: Geografia Escolar no Ensino Remoto Emergencial.

4.2. DIÁLOGOS E VIVÊNCIAS: GEOGRAFIA ESCOLAR NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Eu, Hérika, encontro Luísa e Manuela. Infelizmente, esse encontro significa encontrar através de uma videochamada e embora elas sejam minhas alunas, era a primeira vez que veria seus rostos e ouviria suas vozes. Imagina uma professora que não reconheceria seus estudantes andando pela rua, nem ao menos acharia aquele rosto familiar? Pois é. Essa sou eu. Por conta da pandemia e do fechamento das escolas, não tive a oportunidade de conhecê-las pessoalmente.

Mas não sou somente professora, sou uma professora-pesquisadora-estudante e no encontro com Luísa, uma estudante do ensino médio, e com Manuela, do ensino fundamental, estabeleço essa relação alteritária. É no encontro com elas que eu me constituo, às vezes como professora, às vezes como pesquisadora e às vezes como estudante. Sou eu, nessas três versões, “com” elas e não eu “e” elas.

15h era o horário marcado para a conversa, depois de meses como professora em sua escola, seria a primeira vez que iria vê-las e ouvi-las! Acho que estava mais nervosa do que ela, sou tímida. Terminei a aula para o terceiro ano às 14:45 e nesses 15 minutos fiquei relendo minhas anotações sobre entrevistas em pesquisa qualitativa. Mas, decidi relaxar e tentar levar a conversa de uma forma natural:

- **Hérika:** como está sendo acompanhar as aulas de Geografia remotamente?

Luísa pensa um pouco antes de responder. Busco através dessa conversa compreender como as estudantes vivenciam a Geografia Escolar no Ensino Remoto Emergencial:

- **Luísa:** Annn... Boa... Poderia ser maravilhosa? Poderia. Não consigo, assim..., assimilar tanto quanto eu assimilava presencialmente, ter o mesmo contato, contato mais profundo, contato que chame mais minha atenção, que tenha algo a mais assim... bom de acompanhar, gostosinho de tá ali na sala com os amigos debatendo sobre. Porém pra mim tá sendo bom, ainda mais que eu peguei três professores excelentes, o Dinho, o Bruno, você... então pra mim tá sendo de boa até então.

Professora excelente? Eu? Não é fácil para alguém insegura e em início de carreira acreditar nisso. Quer dizer, não acho que ela esteja mentindo, difícil é eu interiorizar isso, me cobro demais! Questões para terapia... O que será que ela quer dizer com “tá sendo de boa?”.

- **Manuela:** Até que tá bom, no começo eu achava meio chato, por causa que eu ficava pensando... ah vai ficar todo mundo ali falando, vai ser bem chato. Por causa que antes na sala a professora escrevia no quadro, mostrava como que era... Mas agora tá melhorando porque a professora tá explicando muito pra gente. Daí por exemplo, hoje eu tava pegando a atividade de Geografia e eu tava lendo e reparei que muita coisa a professora já tinha falado na sala, aí eu só tava relembrando.

Escrever no quadro... Tá aí algo que desde criança gostei de fazer e depois de formada não tive uma oportunidade. Não sei porque eu gosto de escrever em quadros... Mal consigo aproveitar o espaço, não alcanço nem a metade dele. Mas eu gosto de fazer a letra mais bonita que eu consigo! Ainda preciso de treino, às vezes eu escrevo e sai um pouco torto. Será que ainda vou escrever em um quadro físico? Ou apenas em quadro digital? Eis a questão... Só sei que escrever e desenhar através do mouse é horrível, prefiro o tradicional giz. Mas giz dá alergia, suja a roupa tudo...

Acompanhar as aulas de Geografia remotamente para mim foi um grande desafio. No início me assustou um pouco, confesso. Andreia, Bruno e Dinho são professores excelentes... me admirou a forma que eles trabalhavam cada conteúdo, a capacidade de análise deles a respeito dos assuntos de uma forma profunda, mas acessível de os alunos conseguirem entender. Muitas vezes eu ficava aqui do outro lado da tela desejando ter tido uma aula naquele nível durante o meu ensino fundamental e o meu ensino médio. Como professora me vinha o anseio de querer conseguir dar aula dessa forma também. Precisei entender que eu estava apenas começando a minha prática docente e que eu ainda tenho muito a evoluir, não adianta a ansiedade em querer dar uma aula como alguém que tem 20 anos de carreira.

Conversando com Dinho sobre o planejamento de nossas aulas, trocamos algumas ideias:

- **Dinho:** Nossa, que bom que fechamos Clima.
- **Hérika:** Sim, mas foi corrido rsrrs

- **Dinho:** Obrigado, mais uma vez. Semana que vem entramos com Biomas.
- **Dinho:** Depois precisamos pensar nesse esquema.
- **Hérika:** Tomara que não tenha ficado confuso... Mas acho que o principal conseguimos abordar
- **Hérika:** Sim, fico incomodada.. Fica muito conteudista, né?
- **Dinho:** Quando a gente trabalha em sala de aula e outros espaços da escola, dá pra fazer tanta coisa, atividades ao ar livre, trabalhos em grupo, aulas com vídeos, trabalhos de campo, visita ao Jardim Botânico etc.
- **Dinho:** Nessa nova realidade ficamos muito limitados.
- **Dinho:** Tudo coisas que já fizemos nos anos anteriores

As aulas do 1º ano do Ensino Médio eram as que eu mais sentia dificuldade nesse contexto do ERE, muito por conta do conteúdo: basicamente Geografia Física. Se nas outras turmas já era difícil promover uma discussão com os alunos, com os temas relacionados à Geografia Física achava ainda mais difícil. Por mais que procurávamos trazer muitas imagens e vídeos, sempre achava que ficava uma aula muito “conteudista” em que apenas eu e Dinho falávamos o tempo todo. Não sabíamos como a turma estava em relação ao conteúdo de fato. Tinha a sensação de que nada daquilo estava fazendo sentido para os alunos.

Pergunto a respeito das diferenças que elas sentem das aulas de Geografia no Ensino Remoto das aulas que tinham na escola antes da pandemia:

- **Luísa:** Eu acho incomparável! Não consigo nem comparar! Não é da mesma forma, não é a mesma metodologia. É muito difícil acompanhar, para mim a questão da distração com o celular, a tela do celular acende e eu já ia olhar o que era, curiosidade de ver o que chegou. Na aula presencial a gente tem o contato, o professor vê a gente, ele consegue perceber se o aluno tá em outro mundo, se tá mexendo no celular, se tá dormindo... Eu não consigo dormir durante a aula, nem presencial e nem no EAD, mas é comum isso, né? Em sala de aula o professor consegue ter esse contato com o aluno, né? Chama mais pra aula, pra participação. Eu cheguei a ter aulas com o Dinho em sala de aula e é super diferente, ele é bom presencialmente e remotamente também. Mas é super diferente... com ele a gente tinha algumas aulas fora da sala de aula, era uma delícia, conseguia concentrar muito mais, sem aquela pressão das carteiras na sala, do quadro lá na frente... nossa é muito diferente, muito diferente... complicado.

Sei bem como é essa distração do celular... também tenho essa dificuldade nas aulas da especialização. A alternativa foi desativar as notificações. “Sem aquela pressão das carteiras na sala”, forte isso, não é professora Hérika? Realmente... carteiras enfileiradas, como se fosse uma linha de produção industrial. Em suas aulas você vai manter as carteiras enfileiradas? Buscar outros espaços além do da sala de aula? Com essa experiência do ERE, será que vamos manter essa mesma organização tradicional e atrasada da sala de aula de tantos anos? Eu gosto de quadro, ele causa pressão nos alunos? Talvez sim. “Copiem logo que eu já vou apagar o outro lado”. Quem nunca ouviu/falou isso? É... acho que eu vou ter que pensar, como professora, nessa minha relação com o quadro.

- **Manuela:** Tem uma grande diferença. Poucos alunos falam, antes era um monte de gente comentando, não tinha que ficar lendo chat toda hora, mudou muito essa parte. Mas o resto tá normal.

É verdade, Manuela, poucos alunos falam e eu também sinto falta disso, algo que não imaginava que fosse acontecer. Durante as minhas práticas de estágio, ainda na graduação, as conversas paralelas em momentos que eu tentava explicar o conteúdo era algo que me tirava do eixo, não sabia como contornar a situação. Não tenho uma voz potente para gritar igual muitos professores fazem. Agora no ERE, eu não ouço a voz dos alunos e nem tenho problemas com conversas paralelas. Preciso ficar lendo o chat e, às vezes, pedindo por favor para que me respondam. Confesso que isso me tira do eixo mais do que as conversas na sala de aula presencial.

16 de março de 2020, a partir daquele dia, eu e mais oito residentes iríamos “morar no João XXIII”, pelo menos foi o que os residentes da turma anterior nos disseram. Afinal de contas, uma carga horária de 60 horas por semana sendo cumprida na escola, eles estavam certos, iríamos morar lá. Não aconteceu. A pandemia da COVID-19 fez com que o João viesse para dentro de nossas casas... Foi para casa dos alunos também. O que será que eles têm a nos dizer sobre isso?

- **Hérika:** E como tá sendo pra você a rotina de estudos só dentro de casa? A escola foi pra dentro de casa...
- **Luísa:** Complicadíssimo. Em casa envolve também outras questões né, questões familiares, a sobrecarga que esse período trás, todo dia vendo as caras das mesmas pessoas... Antes minha mãe ia trabalhar, meu pai saía, eu e minha irmã ia pra escola. A gente só se via de noite, poucas horas. Agora é

24h vendo um ao outro, é exaustivo. Você tem que ir pro seu quarto, do quarto pra cozinha, no seu quarto você fica de frente para uma tela e querendo ou não nós temos uma pressão nesses últimos 3 anos de ingressar na faculdade, querendo ou não isso colocar uma pressão muito grande. E dentro de casa, de quatro paredes, não vê amigos mais, não tem recreio mais pra conversar, difícil... mas a gente vai se adaptando, vendo o que é melhor pra gente, a forma que absorve mais o conteúdo. Quem diria que 15 dias iriam se transformar em 1 ano? A situação do Brasil é muito triste e querendo ou não influencia a gente, saber que tem 3 mil mortes por dia, a vacinação ocorrendo de uma forma muito lenta.. é tudo, complicado. Comecei a ter sintomas de ansiedade.

Essa palavra “absorver” me chama atenção. Me faz lembrar da visão de aluno que eu tinha no ensino médio, em que ele tinha o dever de absorver todos os conteúdos para ter boas notas e ser uma boa aluna. A forma que eu encontrava para “absorver mais conteúdo” era escrevendo e decorando, hoje como professora, espero que ela não faça isso.

- **Manuela:** Eu até melhorei! (risos). Eu achei estranho porque eu tipo assim, eu achei que minhas notas iam cair totalmente, eu imaginei. Só que depois quando eu vi que minha nota só ia aumentando, eu falei “gente, não é que é bom estudar em casa, tem o lado bom”. E aí minhas amigas ficaram perguntando como que eu tinha melhorado assim do nada estudando aqui em casa. Eu falei: menina, não tenho a mínima ideia, eu não sei como eu melhorei, eu só fui fazendo aqui e melhorei, totalmente estranho.
- **Hérika:** Então aí na sua casa você tá conseguindo estudar, acompanhar as aulas direitinho.
- **Manuela:** Sim, porque antes, no caso do colégio (se referindo a época das aulas presenciais), no final do 7º ano, minha mãe estava sem trabalho e aí ela ficava em casa. Eu mal prestava atenção direito nos estudos, eu ficava mais prestando atenção nela do que nos estudos. Só que nesse tempo de pandemia minha mãe tá trabalhando muito, daí eu fico mais sozinha em casa e presto muito mais atenção, de manhã ela fica dormindo e de tarde ela vai trabalhar e fica até de noite.

Que notícia boa! Saber que a mãe dela está conseguindo trabalhar bastante nesse momento de pandemia com crise econômica e desemprego tão agudos me

proporcionou um alívio na hora, principalmente pelo fato de que isso não está atrapalhando em seus estudos. Já Luísa, um pouco chateada, conta:

- **Luísa:** E minhas notas sempre foram muito boas. Ano passado com essa questão do EAD, com essa questão da exaustão, não foi aquela nota que eu esperava... se não me engano foi 85 e aí eu falei “poxa, Luísa? 85?”. E aí essa questão toda que eu já falei... Geografia sempre foi uma matéria que eu sempre me dei muito bem, eu sempre me identifiquei e aí Geografia pra mim nunca foi uma grande dificuldade não, tenho mais dificuldade em exatas.

Mas como assim “poxa, Luísa? 85?” Eu ficaria muito feliz se meus alunos tirassem 85 na minha disciplina. 85 é uma ótima nota, principalmente em um momento tão diferente como o ERE.

Para mim, o João XXIII vir para dentro da minha casa foi decepcionante. Precisei me adaptar. Só conseguia acompanhar o ERE a partir do meu quarto, que é o cômodo mais reservado da casa para mim. Dessa forma, nesse último ano o lugar que eu mais fiquei foi dentro do meu quarto. Isso foi cansativo, era todos os dias a mesma coisa, no mesmo lugar.

Por conta do ERE, tive que trocar a internet por uma bem mais veloz. Precisei trocar o computador também! Pelos preços altíssimos, muitas pessoas também não tiveram escolha... Tudo para acompanhar o ERE da melhor forma possível.

Pergunto como foi o processo de acompanhar as aulas de Geografia remotamente:

- **Manuela:** No começo eu tive um pouco de dificuldade. Eu era mais bem mais ou menos... não era muito boa nessas coisas de tecnologia, eu ficava meio travada pra fazer algumas coisas. Por exemplo, eu demorei um tempão para conseguir montar o email institucional, não sabia como montava. Depois que eu aprendi é que eu melhorei, porque aí eu aprendi como entrar nas aulas, aprendi mandar, tirar foto, agora tô até mandando emoji nos comentários, fazendo um montão de coisa, aí eu aprendi melhor com o tempo, mas no começo era muito ruim.

Ouçõ o relato dela e me vem uma certa estranheza. Manuela me faz lembrar da minha primeira aula em que eu também tive dificuldades em localizar as ferramentas da plataforma, mas fui melhorando com o tempo. Nem todo mundo tem facilidade com tecnologia, não é? E ainda tem muita gente que pensa que todo adolescente sabe mexer no computador... Não é bem assim, sempre soube. Mas

apesar disso, não esperava que ela fosse me dizer com essas palavras. O celular é mais acessível e resolve bastante coisa que o computador também faz.

- **Luísa:** Hoje em dia, nos dias de hoje, eu tô mais tranquila, sabe? Tô conseguindo acompanhar melhor porque os primeiros meses foram muito complicados. A gente entrou em quarentena no dia 16 de março e aí o colégio sumiu (deu uma risadinha forçada) literalmente. Ficamos 6 meses sem notícias, sem falar sobre as aulas ou sobre como seria a organização da questão acadêmica. A gente só sabia poucas coisas pelo site da UF que uma vez ou outra postava uma notícia.

É exatamente isso!!! O João XXIII, a escola em que eu iria passar grande parte do meu dia, de repente, sumiu! Notícias? Nenhuma. Apenas pelo site da UFJF também. Luísa continua:

- Mas sobre a escola ficamos sabendo praticamente 6 meses depois e aí voltamos a ter aula, se não me engano foi em julho, com o plantão de tira dúvidas. Mas os alunos nem frequentavam os plantões de dúvidas e aí criaram esse projeto dos blocos, do EAD. Mas foi muito bagunçado... Até novembro eu tinha uma dificuldade muito grande de estar ali, sabe? Tinha muitas distrações durante as aulas. E aí 2021 eu falei eu vou me dedicar, eu vou tentar, não tá sendo fácil para ninguém. E aí eu comecei a levar a sério, tirar o celular de perto durante os estudos, que era a principal fonte de distração... Comecei a fazer um curso preparatório pro PISM também, aí tive que conciliar o João XXII com o curso, fazer uma agenda, não tinha uma agenda, olha que absurdo! Aí eu tive que incluir várias coisas nessa rotina, nas diversas aulas. Mas meu processo de adaptação demorou 6 meses, foi um processo muito complicado, aí misturado com a exaustão mental, com a exaustão física.. e na geografia... (sorri) sempre gostei muito de Geografia!

No início também achei um pouco confuso a organização dos blocos no segmento do Ensino Médio. Não entendia muito bem a organização das aulas. Mas, depois compreendi a divisão das aulas em dois blocos de aulas síncronas: cada bloco de disciplina tem duas aulas. O primeiro bloco é ofertado no período da manhã e o segundo bloco, que é a repetição do primeiro bloco, ocorre no período da tarde ou noite. Foi feito dessa forma para os alunos terem duas opções de turno para acompanhar as aulas, pois muitos deles precisaram começar a trabalhar ou ajudar de alguma forma os responsáveis em casa por conta das consequências da

pandemia. Dessa forma, seria possível eles tentarem conciliar minimamente as duas atividades.

Depois que aprendeu a lidar melhor com a tecnologia, Manuela apresenta outra questão:

- **Manuela:** Pra mim tá muito fácil acompanhar, porque eu faço de um jeito que eu não consigo me distrair.
- **Hérika:** E como é esse jeito?
- **Manuela:** É que na maioria das vezes, a criatura aqui, eu não gosto de barulho quando tô estudando ou fazendo algo tipo, eu deixo meu celular no silencioso o dia inteiro. Então é muito difícil eu olhar mensagem de manhã, eu olho quando as meninas começam a falar sobre trabalho e essas coisas... e depois disso minha distração acaba, eu deixo o celular sem som e não fico vendo as notificações

Durante a aula do 8º ano, eu e Andreia nos surpreendemos no chat com a seguinte mensagem de uma aluna:

- *Professora, vamos ligar a câmera para conversar um pouco.*

Uns segundos depois, vários alunos ligam a câmera e aquecem nossos corações. Aquece de um lado, esfria do outro. A seguinte mensagem aparece:

- *Queria ligar o bagulho mas n tenho webcam.*

Como exigir ou esperar câmeras ligadas em um contexto de Ensino Remoto Emergencial? Nos questionamos tanto porque os alunos não ligam as câmeras, mas muitas vezes não pensamos os motivos para isso.

- **Manuela:** A câmera tipo assim... no oitavo ano eu até ligava, só que agora no nono eu fico com um pouquinho de vergonha, porque juntou mais salas, não é só a minha. Agora tá o 9A junto com a gente e o no 9C também... Então acaba dando um pouquinho de vergonha.
- **Luísa:** Eu gosto muito de falar nas matérias, com os amigos e participando das aulas e no EAD eu fico com vergonha de falar no microfone, mas quando me dá um assunto que eu gosto muito de falar sobre. No EAD eu fico com vergonha por conta da minha dicção que piorou, a timidez, agora junto com outras turmas... Ligar a câmera? Sem chances, a maioria das aulas são de manhã então eu acordo toda... (fazendo gestos de desarrumada), um caos, aí não dá pra ligar a câmera, né?

Eu como aluna também não ligaria a câmera às 8 da manhã, principalmente se eu acordasse em cima da hora da aula. No início do remoto também tinha vergonha de aparecer na câmera para as outras pessoas me verem, mas depois se tornou algo tão normal que eu não tinha mais vergonha. Nem me arrumava direito para aparecer.

Pensando a respeito da minha questão de pesquisa, decido perguntar de forma mais direta:

- **Hérika:** Hoje queria conversar com você mais sobre as nossas aulas de Geografia e sobre sua vivência com a geografia no ensino remoto emergencial. Como tem sido para você os atendimentos síncronos de geografia?
- **Manuela:** Então, as aulas eu tô achando muito interessante, é um bate papo legal, que daí todo mundo começa a conversar, várias conversas junto, eu tô gostando muito das aulas por essa parte, de geografia. As atividades pra mim tá de boa, os textos estão... pra mim tá num tamanho ótimo e... só por enquanto.
- **Hérika:** Estamos estudando agora Europa, você tem gostado?
- **Manuela:** Sim. Eu gosto muito de mexer com esses casos de países, essas coisas, eu gosto muito. Então tá muito bom pra mim mexer com a Europa.
- **Hérika:** E porque você gosta?
- **Manuela:** Ah eu não sei, acho que é porque... eu acho muito bom a palavra viagem. Pra mim, viagem é excelente e conhecer os países pra mim é uma coisa muito legal. Porque tipo assim, mesmo a gente não indo pro lugar a gente conhece ele de um jeito ou de outro.

Isso me faz lembrar das discussões do grupo de pesquisa essa semana! Ao final da conversa, relembro o que eu anotei em minhas notas: “As narrativas dos outros, as palavras do outro também formam nossa consciência. Não precisamos ir em um certo lugar para ter vivência daquele lugar. Não precisamos ter uma experiência física sensório-motora para ter vivência daquele lugar”. No caso, estávamos trabalhando o conteúdo sobre Europa utilizando várias imagens.

- **Hérika:** E a gente trouxe muitas imagens dos países europeus, né?!
- **Manuela:** É! E aí a gente mostrou que não é só a paisagem que chama a atenção da pessoa, pode ser tipo, problemas financeiro, trabalhistas e outras coisas. Não é só a paisagem que fica chamando a atenção.

- **Hérika:** E você ficou com vontade de viajar para a Europa?
- **Manuela:** Ah, eu já tinha vontade antes né, só que agora só fica aumentando (risos).

Meu celular apita, olho para o lado e vejo que é novo e-mail. Dessa vez não é da escola. É da mãe de Luísa. No dia anterior havia mandado um e-mail para ela pedindo autorização para que a filha participasse da entrevista. Leio a mensagem:

Boa noite, Hérika! Um dos cursos que a Maria tem interesse de ingressar, é a Geografia. Tudo que envolve essa temática, ela adora! Portanto, concordo e sou total a favor da participação dela na pesquisa. Abraços!

- **Hérika:** E porque você se identifica com a Geografia?
- **Luísa:** Não, porque eu acho que é a vida. Eu gosto muito assim das coisas que vem da natureza. Eu sempre me identifiquei, eu comecei a ter mais afinidade assim, como eu te falei, acho que foi em 2018, quando eu tava cursando o 8º ano que começou a falar da geografia dos países e aprofundar mais em cada país e isso entra em questões políticas, que eu adoro falar sobre. É uma oportunidade de muita reflexão a Geografia. Tudo que acontece no mundo, tipo, aquecimento global que é uma das pautas que mais está sendo discutida ultimamente... é a Geografia, então eu acho que é por isso eu gosto tanto.
- **Hérika:** Então você está focando mais no vestibular?
- **Luísa:** Sim... Geografia já foi uma opção de curso pra mim. Mas hoje em dia eu penso mais em direito. Aí eu gosto muito de falar sobre tudo, às vezes eu falo até demais, eu engato num assunto e vou falando. Eu adoro falar sobre tudo..

Porque será que Geografia não é mais uma opção de curso? Resolvo perguntar:

- **Hérika:** E porque a Geografia não é mais uma opção?
- **Luísa:** Eu ficava muito confusa, meu Deus, será que eu quero fazer? Será que é entrar numa faculdade? Eu vi que era realmente o que eu queria. E aí qual curso? Acho que fica uma pressão muito... uma pressão direta ou indiretamente sobre o que a gente quer fazer... aí tem Enem... você já passou por isso. Então eu ficava tipo... gente... meu Deus. E eu sempre gostei de Geografia, os anos que eu mais gostei foi o 7º e o 8º, que falava sobre os países, com essa questão de política, de economia. educação e

saúde, eu sempre gostei muito desse tema. Eu ficava em dúvida entre Geografia e outras matérias, mas mais na área de humanas. Mas eu fui influenciada pela série que eu vi *How to get away with murder*. Aí eu comecei a ver outras séries de direito, *Suits*... aí eu falei “Gente eu quero muito isso”. E aí eu comecei a ler alguns livros da Ágatha Christie, é romance policial e a maioria dos livros tem um crime, aí eu ficava lendo, investigando, anotando. E aí Geografia, infelizmente, foi ficando entre as últimas opções assim. Mas quem sabe, né?

Pergunto a Manuela o que ela tem achado das discussões de globalização no ERE:

- **Manuela:** Esse ano tá sendo excelente porque a globalização é um papo muito grande, a gente conversa várias coisas dentro de globalização, a gente fala de tecnologia, fala de jogo, fala de um montão de coisas e isso dá muita vontade de aprender mais a globalização. Ao mesmo tempo que é engraçado, é legal, a gente se diverte muito na minha opinião.
- **Hérika:** Você acha que o ensino remoto foi um problema nessa questão da sua identificação com a geografia?
- **Luísa:** Assim, realmente teve um pouco de desconexão do meu total interesse com a Geografia. Porque eu ficava nesse automático, a Geografia é uma matéria assim, porque infelizmente tem um pouco disso né, eu tenho mais facilidade então deixa que eu faço de última hora, que eu faço depois, vai ser fácil. O que não acontecia no presencial porque no presencial a gente assiste aula, a gente chegava em casa, pegava no caderno, a gente não deixava acumular. Vamos supor, o Dinho passava, que eu cheguei a ter um pouco de aula presencial no primeiro ano, passava atividade na segunda para entregar na quarta, então a gente tinha segunda e terça pra fazer. Então não tinha como a gente adiar algo para daqui duas semanas. E no ensino remoto não, se não me engano tinha um prazo de 15 dias para entregar atividade, então poderia ter um conteúdo na segunda e aí um conteúdo diferente na segunda que vem, entregar uma atividade da primeira segunda 15 dias depois. Então assim, realmente o ERE prejudicou bastante coisa.

Eu e os demais professores propusemos trabalhos em grupo no ERE, nosso objetivo era promover uma maior interação entre os alunos nesse momento de isolamento social. A esse respeito, Luisa e Manuela dizem:

- **Luísa:** Sinceramente? Prefiro individual. A distância é muito complicado. É igual o meme... cada um faz sua parte e no final a gente junta, aí vira aquilo a frente do cavalo toda linda, o meio mais ou menos e no final um caos. Na escola eu gostava pra caramba “prof, pode fazer dupla de três?” porque a gente podia se encontrar pra fazer o trabalho, era perfeito, um ia na casa do outro, se encontrava com os amigos... Agora é impossível né?
- **Hérika:** E quando tem trabalho em grupo agora no ERE vocês marcam videochamada?
- **Luísa:** Não, meu grupo não fez isso. Mas nos próximos pretendo organizar isso.

Nos trabalhos em grupo que tivemos durante a especialização, a maioria não nos reunimos também por videochamada, montamos grupo no Whatsapp e íamos combinando por lá. Exceto o trabalho para a disciplina de Direitos Humanos, nesse nos reunimos duas vezes para montar um plano de aula com um recurso pedagógico envolvendo racismo, sexismo, homofobia, idadeísmo, xenofobia e bairrismo, intolerância religiosa, capacitismo/deficiência, bullying. Foi bem legal! Meu grupo escolheu falar sobre o sexismo e eu abordei a respeito do sexismo no mundo do trabalho.

Sobre o segundo trabalho em grupo, Luisa conta como foi a experiência:

- **Luísa:** Então, criou um grupo a princípio e separou as funções, por exemplo, Ana e Bia vão fazer o slide, Cássia vai apresentar no dia, Luiza vai procurar imagens e Luísa vai fazer o resumo do texto. A princípio era isso. Só que a Amanda estava com dificuldades em fazer os slides, e a gente falou então vamos no meet, vamos fazer uma reunião. Se der Ana vai ajudando e a gente vai dando opinião, vai explicando. E aí teve uma reunião para finalizar o slide, pra todo mundo ver, poder opinar. Mas fora isso foi tudo no grupo do wpp.
- **Manuela:** A hora do recreio, a gente batia muito papo. Porque teve um problema e eles misturaram as turmas do 7º e 8º ano e aí a hora do recreio era a hora que a gente se juntava com o pessoal da sua antiga turma, eu sinto muita falta disso. Das aulas também de vez em quando, de conversar com o professor, tem vez que é bom. Agora fica mais difícil de se comunicar com o professor, com o chat, com áudio e essas coisas. Antes era só você levantar a mão que o professor já via, você podia falar a qualquer hora. Ali

não, ou você manda no chat e fica meia hora digitando ou você faz por áudio e aí conversa monte de gente junto, fica meio difícil de vez em quando.

Percebi também que a comunicação entre professor e aluno é bem mais complicada no remoto. Ligar o áudio nem sempre é fácil, rápido e possível para os alunos. Eu também tive dificuldade de interromper o Dinho, Bruno e Andreia para fazer algumas colocações durante a aula. Presencialmente essa interação é mais fácil, você percebe a outra pessoa através de um gesto, de uma atitude...

- **Hérika:** Teve uma atividade que nós pedimos que vocês assistissem dois episódios de uma série...
- **Luísa:** É! Eu assisti! Eu gostei pra caramba! E eu tinha também netflix eu podia ter pesquisado aqui. Mas daí depois disso eu assisti os dois primeiros episódios e eu tô só esperando eu acabar a série que eu tô assistindo pra assistir essa, porque eu gostei.
- **Hérika:** E você conseguiu ver os conteúdos de Europa que a gente tá vendo?
- **Manuela:** Sim...
- **Hérika:** E na série mostra bem as paisagens...
- **Manuela:** Sim! Uma coisa que muita gente repara, que é tipo, a Torre Eiffel, tem uma outra parte da França que todo mundo fala só que agora de mente... acho que é o museu, é alguma coisa assim do tipo.
- **Hérika:** E dá vontade de ir lá?
- **Manuela:** Olhando por essa parte dá muita vontade de ir, mas depois que a gente descobre que tem vários problemas, várias coisas por trás disso tudo...
- **Hérika:** Aí perde a vontade de ir?
- **Manuela:** Ah, um pouco. Porque tipo assim, na hora que você percebe que não é... tipo assim, todo mundo imagina que nas fotos é um lugar perfeito, que não tem a parte pobre, que só tem a parte rica, mas na hora que chega lá não é tudo isso, tem também os seus problemas. Que nem no começo eu imaginava que os EUA era perfeito, porque eu só via os EUA em filme, né, e gente tirando foto da Disney e tal, aí eu “nooossa, os EUA é perfeito!!!”. Na hora que eu descobri que tinha um montão de problema por trás da Disney, por trás de outras coisas eu fiquei tipo, chocada no começo, depois que fui entendendo.
- **Manuela:** Quando eu vejo no instagram da minha mãe povo postando foto em cada cada lugar bonito, eu ficava assim: “gente, onde que é isso, onde

que é isso?” Quando fui ver era um lugar tão perto, pra mim as coisas bonitas eram tudo no estrangeiro, na minha percepção, só que quando eu descobri que tinha coisa bonita aqui perto de Juiz de Fora, eu falei assim “gente do céu, eu tenho que ir lá”. Olhava, tipo assim, quando eu via na TV e na hora que eles mostravam o mapa e falava onde que é, eu: “gente, que lugar pertinhooooo!”

- **Hérika:** Finalizamos agora a Geografia Agrária, como foi as discussões para você?
- **Luísa:** Foram muitos importantes, como eu falei na nossa outra entrevista, eu adoro quando trazem vídeos, filmes, algo mais didático assim... igual o Bruno trouxe diversos vídeos pra gente acompanhar ali e correlacionar com o conteúdo, foi muito bom. Slides maravilhosos também. Ainda mais as atividades que mandam toda segunda-feira pra gente responder e ir testando, onde estamos errando, acertando, porque isso ajuda, né? Nossa, isso daqui eu errei então vamos aprofundar mais nisso, então a didática foi ótima, eu consegui absorver bastante coisa.
- **Hérika:** Você está falando dos formulários no Google, né?
- **Luísa:** Sim, isso. Dos vídeos também, eu gosto muito. As discussões foram muito bacanas, porque agrária envolve junto com a política, com a economia, que são assuntos que eu gosto muito, então pra mim foi ótimo.

Nessa narrativa tentei trazer cada sujeito em correlação a outro sujeito, cada consciência em correlação a outra consciência, na simultaneidade e no confronto do encontro. (MELLO, 2020, p. 182). Para dar o seu desfecho, irei dialogar também com um vídeo chamado “O menino que perdeu a sua Geografia” disponível no canal do Youtube do GRUPEGI (Figura 17).

No vídeo é narrada a história de um garoto que nasceu em um lugar rodeado por geografias e histórias, tocando o mundo e sendo tocado pelo mundo. Um dia, ele foi em uma casa que “guardava livros” e então encontrou um Atlas e, animado, quis saber qual era seu lugar no mundo. Quando descobriu, olhou novamente e sentiu as casas, as ruas, as árvores, as estradas, tudo o que o cercava.

Figura 17: Cena do vídeo “O menino que perdeu sua Geografia”.



Fonte: Captura de tela feita a partir do vídeo disponível no Youtube.

No entanto, quando ele tinha idade suficiente, ele foi para a escola, mas algo estranho aconteceu: onde estavam os lugares, as paisagens e o mundo que ele tanto gostava? Onde estava o mundo que ele folheava e girava? Um dia ele ouviu dizer que haviam apagado o mundo da escola e, quando cresceu, ele entendeu que havia perdido a sua Geografia.

Com esse vídeo eu consigo ver como se deu a minha vivência com a Geografia Escolar no Ensino Remoto Emergencial. Diferente do menino que perdeu sua Geografia quando foi para escola, eu sinto que quando fui para a Residência Docente no CAp João XXIII eu ganhei a minha Geografia. Se você acha muito ousado eu afirmar isso, considere então que pelo menos um ganhei uma nova Geografia ou que eu ressignifiquei a que eu já tinha.

Vivenciar essa Geografia Escolar, ainda que remotamente, me fez abrir um mundo de possibilidades como professora e como estudante que eu quero sempre ser, sem ao menos sair de casa. Isso porque, convivendo com três professores foi possível ver práticas totalmente diferentes.

Além disso, com o ERE, precisamos nos reinventar e isso me trouxe inspiração e autonomia para que eu busque formas, através do estudo e da pesquisa, de não silenciar as Geografias de cada aluno com o meu trabalho enquanto professora. O caminho, no entanto, não será fácil, sei que vou encontrar

muitas outras pedras pelo caminho, mas o importante é que, agora, eu tenho a possibilidade de pelo menos tentar.

Durante o ERE, tentamos ao máximo fazer com que os alunos não “perdessem a sua Geografia”, principalmente pelo fato de que toda a equipe de Geografia (professores, estagiários e bolsistas) do CAp João XXIII sempre buscou, nas aulas presenciais, momentos que privilegiasse a autoria e a arte dos alunos. Aulas que permitiam os alunos tocarem e serem tocados pelo mundo.

Neste sentido, foi bonito ver a capacidade dos alunos se reinventarem, mostrando sua capacidade de resiliência dentro desse contexto caótico de pandemia. Para elucidar isso, irei compartilhar a seguir, três narrativas, em fonte itálica, de estudantes do 1º ano do Ensino Médio a respeito de suas vivências durante a pandemia. Foi uma atividade proposta por nós professores e que consistia em escrever um texto narrativo sobre os impactos da pandemia nas suas experiências pessoais desde o início do isolamento social:

A pandemia afetando sonhos.

A pandemia do coronavírus deu início em 2019 na China, se espalhou pelo mundo e chegou ao Brasil no início de 2020.

A pandemia tomou grandes proporções, passaram-se dias e dias, pensei que fosse acabar antes do meu aniversário de 15 anos, mas não, o meu tão esperado sonho de fazer uma festa grandiosa para meus amigos e minha família, teve que ser cancelado. Sonhei durante anos com uma festa de princesa, com decoração, baile e os doces mais saborosos. Mas não foi possível, tivemos um isolamento bem rigoroso, distanciamento social e air de casa somente se fosse necessário. Nada estava colaborando para esse grande acontecimento, além da pandemia, minha mãe, que compartilhou esse grande sonho comigo, já não está mais aqui.

Salões de festas, buffet, festas, foram uma das primeiras a serem proibidas. Realmente tive um sonho interrompido, me vi diante da impossibilidade de realizar um sonho.

Mas, percebi que nem tudo estava perdido, que meu grande sonho poderia ser adiado, não interrompido. Então pensei, posso comemorar com grande estilo, um próximo ano, com mais segurança e fora de uma pandemia. E assim fizemos, tive uma pequena festa em uma granja, fiquei muito feliz. As pessoas que eu gosto e

confio estava comigo nesse momento difícil para todo, pelo covid 19.

Graças a Deus pessoas próximas a mim não faleceram por essa doença, mas sei que no meu momento de alegria podia ser o momento de tristeza de outras pessoas.

Minha vivência na pandemia

Confesso que hoje em dia estou muito melhor do que há um ano atrás. Parece que me acostumei com essa vida, e que o antes da pandemia era tudo um sonho, nunca existiu. O que mais sofri com essa pandemia, foi o fato de não poder ver meus amigos, pois sou uma pessoa muito sociável, porém filha única, então não tinha com quem conversar além de meus pais, mas era muito difícil, pois eles trabalhavam o dia inteiro e eu ficava sozinha. Até que me aproximei da minha vizinha que inclusive estuda no João XXIII também, e ficamos inseparáveis. O que mais sofreu na pandemia foi o meu psicológico, ao ver tantas pessoas morrendo e minha saúde mental indo para o fim do poço. Mas com a pandemia cresceram coisas em mim que valorizo muito, como o amor próprio, a autocompanhia, autoestima e minha maturidade. Hoje olho para o mundo e para as pessoas com outro olhar, e fico muito feliz por isso.

Eu lembro quando surgiu esse vírus e a gente tava torcendo para que ele não chegasse no Brasil, pois sabíamos que se chegasse no Brasil, ia dar ruim. E não deu outra, chegou e já estamos muito tempo passando por isso, claro que é ruim e ninguém queria passar por isso, mas eu tentei tira algo de bom nisso, sinto que foi positivo dar uma pausa, pensar com mais calma, sair daquele ritmo acelerado que tínhamos antes da pandemia, essa calma eu sinto que vou levar para o resto da vida. Com certeza eu fiquei muito mais tempo em casa, e mesmo que isso tire a interação social, que é bem importante, isso ajuda a se conhecer melhor. Nessa era "on-line" eu conheci pessoas bem distantes de mim, não de local, mas de pensamentos, e isso foi bom. Ficar em casa me trouxe a necessidade de escutar muito mais música que o normal, e isso me fez começar a gostar de músicas que eu

nunca escutaria, eu gostei de expandir meus gostos. Mas eu acho que já ta bom, já da pra sair dessa pandemia, nem todo mundo consegue tirar coisas boas dela.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vou ser sincera ao afirmar que, primeiramente, este trabalho surge pelo simples fato de ter que apresentar um trabalho ao final da Residência, esse foi o sentido inicial. No entanto, ao passar do tempo, ao longo das leituras e reflexões levantadas nos vários espaços da Residência esse sentido foi sendo ressignificado diante das transformações que ele foi me proporcionando enquanto professora.

Um dos grandes ganhos da vivência deste trabalho e da Residência Docente foi para mim entender o que Paulo Freire diz em sua obra *Pedagogia da Autonomia*: não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Dentro dessa afirmativa, a Residência possibilitou me reconhecer e me afirmar enquanto professora e, conseqüentemente, como pesquisadora. Agora que consigo olhar o trabalho de fora, pela forma em que ele foi estruturado, é evidente para mim o quanto eu cresci profissionalmente e academicamente em cada momento dele.

Vejo este trabalho não como um produto final e acabado, mas como uma porta de entrada para o mundo da pesquisa na educação, algo que até antes de ingressar no Programa eu achava distante para mim. À vista disso, hoje já consigo me ver fazendo uma seleção de mestrado e depois, doutorado.

Isso está sendo possível por conta do amplo campo teórico que fui conhecendo ao longo da Residência, em especial nos encontros do GRUPEGI e durante as disciplinas da especialização. Assim, vejo como o objetivo da Residência foi cumprido no que tange à formação continuada de professores. Sinto que ela me deu asas para voar e buscar, todos os dias, através do estudo e da pesquisa, ser uma professora melhor e assim contribuir para a educação em nosso país.

Hoje percebo que, mesmo tendo vivenciado uma escola remotamente, viver na escola é existir enquanto humano no meio de humanos que falam, que amam, que escutam, que todos os dias recriam a vida em sua diversidade de possibilidades (MELLO, 2020, p. 22). Dessa forma, compreendo que como professora não devo ter uma postura de indiferença para com as pessoas que constituem a escola, mas sim de amor e escuta.

Nóvoa (2019) considera que o período de transição entre a formação e a profissão é fundamental no modo como nos tornamos professores, no modo como vamos viver a nossa vida no ensino. Vivenciar esse período em um programa como

o da Residência Docente foi essencial para que eu me sentisse mais segura e preparada para seguir o meu caminho na profissão docente. Dentro disso, minha luta será para que meus outros colegas de profissão tenham essa oportunidade, afinal, a formação de professores é essencial na defesa da escola pública e da profissão docente.

Outra questão que considero pertinente trazer nessas considerações finais é sobre o ERE no CAp João XXIII ter tido início somente em agosto de 2020. Essa demora se deu por conta da preocupação do colégio em garantir que o ERE fosse possível e efetivo para todos os estudantes da instituição, como conta Eliete Verbena, diretora do CAp, para o site Tribuna de Minas:

A diretora aponta a exclusão digital de parcela dos estudantes como o maior desafio a ser enfrentado. No entanto, pondera a educadora, questões pedagógicas também deverão ser encaradas. “Para iniciar o ERE no João XXIII, considerando a restrição de acesso à internet por parte dos estudantes, definimos estratégias para assegurar que todos os alunos tenham acesso ao material pedagógico proposto e às orientações.

Como geógrafa não pude deixar de refletir a respeito dessa exclusão digital, que não é uma condição restrita ao CAp João XXIII/UFJF, e sobre como a pandemia da COVID-19 evidenciou ainda mais as desigualdades socioespaciais presentes em nosso país com reflexos no âmbito da educação. Tais desigualdades nos mostram como que as consequências da pandemia foi (e ainda é) muito perversa para determinadas pessoas, enquanto que para outras as consequência foram mínimas e facilmente contornadas.

O ERE, é realizado por meio de objetos técnicos como computador, celular, microfones, câmeras e a rede de internet, frutos da evolução técnica, científica e informacional. Dessa forma, a condição para acompanhamento das atividades escolares é possuir e saber utilizar tais instrumentos. No entanto, essas e outras inovações técnicas que ocorreram até chegar no período atual, denominado por Milton Santos (1994) de meio técnico científico informacional, não significa que a posse e o uso das técnicas sejam pertencentes a todos, mesmo aquelas que tendem a ser hegemônicas.

Exemplo disso foi a necessidade do CAp João XXIII se articular e realizar uma pesquisa a fim de mapear as famílias em situação de vulnerabilidade social. Feito isso, houve campanhas para distribuição de cestas básicas e doação de

material escolar. Também foi realizado, antes da adoção do ensino remoto, uma pesquisa sobre as condições de cada estudante para acompanhamento das aulas remotas. Nesse contexto, houve apoio da UFJF que forneceu bolsas de apoio emergencial e auxílio à inclusão digital, empréstimos de tablets e notebooks.

Diante dessa situação, reflito sobre como a pandemia não trouxe as desigualdades para a comunidade escolar, ela evidenciou as desigualdades socioeconômicas que já se faziam ali presentes. Auxílios como estes são medidas emergenciais para respaldar os alunos em situação de exclusão digital. Mas não solucionam os problemas que são estruturais, como a desigualdade de recursos, de condições para estudar e os problemas econômicos enfrentados pelas famílias e que repercutem no desenvolvimento escolar dos sujeitos. Percebo então como ser professor é lidar com essas situações de desigualdade social e econômica diariamente e, sobretudo, não desanimar diante dela e lutar para que um dia seja diferente:

Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fatura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mas não desiste. (FREIRE, 1996, p. 64)

Dessa forma, é nítido como a exclusão digital provocada pela distribuição desigual das técnicas é um grave problema que dificulta a adesão plena do ERE, não somente no colégio citado mas em todo o Brasil. Além disso, fazendo uma análise à luz das contribuições de Milton Santos, vejo o CAp João XXIII como um território luminoso⁷ se compararmos com outras escolas públicas. O colégio sendo uma instituição pública federal ainda conta com mais recursos financeiros e investimentos, o que faz ser possível oferecer auxílios como este que tendem a amenizar o problema. Mas isso é uma exceção, infelizmente, se observamos a situação das escolas estaduais e municipais - territórios opacos - que não contam com essa possibilidade por falta de recursos e investimentos.

⁷ Milton Santos (1996) considera luminoso aqueles territórios que acumulam densidades técnicas e informacionais e, portanto, se tornam mais aptos a atrair atividades econômicas, capitais, tecnologia e organização são denominados territórios luminosos. Os territórios em que estas características não estão presentes são chamados de territórios opacos.

No trabalho temos uma questão de pesquisa a ser respondida: como estudantes vivenciam a Geografia Escolar no Ensino Remoto Emergencial? Tentamos buscar essa resposta a partir do diálogo com duas estudantes sem fazer uma generalização, visto que é impossível generalizar uma vivência. Reflito, dessa maneira, se é ético da minha parte afirmar (como uma conclusão desse trabalho) pelas estudantes, que elas vivenciam essa situação de uma ou outra maneira. A palavra final não deve ser minha.

Foi pensando nisso que busquei ao máximo uma pesquisa que não categorizasse as falas das estudantes ou que houvesse uma interpretação minha diante de suas vivências, mas sim uma compreensão. Encontrei nos estudos da heterociência um caminho para isso e optei por trazer, através do gênero narrativo, a fala das estudantes a respeito da nossa questão de investigação. Se as vivências são delas, são elas que têm que nos dizer como isso se dá e cabe a nós ouvir de forma dialógica e alteritária.

Vejo que o grande marco dessa pesquisa está sendo depreender que a escola, mesmo remota, é um lugar de vivências pessoais, ainda que o esforço seja no sentido de uma cognição instrumental e de uma moral de dever abstratos narrada no negativo (não pode, não deve) (MELLO, LOPES, 2020, p. 58). Neste sentido, vejo que ele atendeu às expectativas. Além disso, assim como Vigotski (2010) nos exemplifica que mesmo crianças vivendo em uma mesma situação familiar possuem vivências diferentes, no diálogo com as estudantes também foi possível perceber isso. Mesmo que as estudantes tenham passado por um acontecimento comum, ele se tornou distinto para cada uma de acordo com a sua vivência.

Outrossim, compreender como os estudantes vivenciam a Geografia Escolar é essencial para que nós professores e pesquisadores repense sobre ela, de forma que o seu ensino seja realmente significativo para os sujeitos da aprendizagem. A investigação aqui estabelecida aponta para algumas reflexões nesse sentido. Com essa compreensão é possível mobilizar mudanças tanto no currículo, quanto em nossa prática docente em consonância com as opiniões e impressões dos estudantes, que são os sujeitos principais de todo o espaço escolar.

Isso ficou claro, por exemplo, quando Luísa utilizou a palavra “pressão” para falar da organização da sala em carteiras enfileiradas e o “quadro lá na frente”. Manuela também nos trás uma questão importante para repensarmos a Geografia Escolar quando diz que: “mesmo a gente não indo pro lugar a gente conhece ele de

um jeito ou de outro”. Dessa forma, como pensar no ensino e aprendizagem de conceitos como espaço, paisagem e lugar?

Em suma, considerando nosso objetivo, acredito que o trabalho tenha respondido a questão de pesquisa em parte. Isso porque, umas das principais dificuldades vistas por mim foi não ter a oportunidade de estar com elas para ouvi-las no momento do acontecer da aula e a partir da situação estabelecer o diálogo. Dessa forma, foi adotado como metodologia as entrevistas que foram realizadas em momentos a parte das aulas síncronas. Em muitos momentos, no decorrer das entrevistas eu precisava pensar em perguntas que me possibilitasse ouvir suas vivências a respeito da Geografia Escolar no Ensino Remoto Emergencial, algo que em muitas situações tive dificuldade.

Além disso, dentro dessa questão, acredito que o número de entrevistas não tenha sido satisfatório. Por conta do prazo do trabalho que se aproximava, não tive tempo hábil para a realização de mais entrevistas. A interação por vídeo chamada também acaba sendo um pouco mais limitada do que uma interação pessoalmente. Portanto, ao meu ver, embora os diálogos tenham sido muito significativos e essenciais para essa pesquisa, considero que para responder a questão de pesquisa, eles poderiam ter sido mais aprofundados.

Ademais, acredito que tenha sido possível trazer para o debate acadêmico, mesmo que em forma de um primeiro exercício de uma pesquisadora ainda inexperiente, outras formas de concebermos a pesquisa em educação. Como disse, se trata de um primeiro exercício que possivelmente tem seus erros, precisa ser repensado, relido e refeito. Mas tem o acerto mais importante: dei um primeiro passo nessa caminhada. Graças ao Programa de Residência Docente tive a oportunidade de começar, independente dos erros ou acertos, é caminhando que se faz o caminho.

Por isso, gostaria de ressaltar a importância de programas de formação continuada nos moldes da Residência Docente do CAP João XXIII/UFJF, pois como professora recém formada, ela foi um divisor de águas em minha vida. A partir dela, sinto que consegui construir uma base teórica e prática que poderei fortalecer de agora em diante e que me guiará no meu trabalho como professora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto – Portugal. Porto Editora, 1994

CAVALCANTI, L. S. *A geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana*. Campinas, SP: Papirus, 2008.

CAVALCANTI, L. S. *Formação inicial e continuada em geografia: Trabalho Pedagógico, metodologias e (re)construção do conhecimento*. In: ZANATTA, Beatriz Aparecida; SOUZA, Vanilton Camilo de (Org.). *Formação de professores: reflexões do atual cenário sobre o ensino da geografia*. Goiânia: NEPEG, 2008.

DAYRELL, J. *A escola como espaço sócio-cultural*. In: _____. (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Minas Gerais: UFMG, 1996.

DIEDRICH, M. S.; SANTOS, J. R. F.; OLIVEIRA, M. *O professor e o aluno no contexto da pandemia de COVID-19: o fazer educacional na visão dialógica*. In: HABOWSKI, A. C.; CONTE, E. (Orgs.). *Imagens do pensamento: sociedade hipercomplexa e educação remota*. 1 ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, v. 1, p. 234-255.

BENTES, J. A. O, LOBATO, H. K. G. *Alteridade e diálogo em Mikhail Bakhtin e o Círculo: Entrevista com Marisol Barenco de Mello*. *Periferia*, v. 12, n. 1, p. 230-247, jan./abr. 2020

BONDÍA, J. L. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAIVOTA, D. *O risco de “criançar”*: para amar o tempo da escola. In: MELLO, M. B. *O Amor em tempos de escola*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

GONÇALVES, A. R. *A geografia escolar como campo de investigação: história da disciplina e cultura escolar*. *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, Vol. XVI, no 905, jan. 2011. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/b3w-905.htm>. Acesso em: 10 fev. 2020.

GUEDES, S. M. *Ser professor pós-pandemia: O contato e a experiência em meio aos “nãos”*. In: OLIVEIRA, S. R. F (org.). *Escolas em quarentena: o vírus que nos levou para casa*. 1. ed. Londrina, PR : Editora Madrepérola, 2020. 256p.

JEREBTSOV, S.; PRESTES, Z. *O Papel das Vivências da Personalidade na Instrução (no caso de estudos da Psicologia)*. *Educ. foco*, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, p. 679-692, mai./ago. 2019.

KENSKI, V. M. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Editora Papirus. 2013

LOPES, J. J. M.; MELLO, M. B. DE. Tinha cebola desmaiada: Bakhtin e o pesquisador com. *RevistAleph*, n. 25, 31 maio 2016.

MELLO, M. B. Constelar: aprendendo o exercício de uma heterociência. In: MELLO, M. B. O Amor em tempos de escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

MELLO, M. B. Porque tu me escutas eu existo. In: MELLO, M. B. O Amor em tempos de escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

MELLO, M. B.; LOPES, J. J. Formação como movimento alteritário. In: MELLO, M. B. O Amor em tempos de escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

NÓVOA, A. Professores. Imagens do futuro presente. Lisboa: EDUCA, 2009.

NÓVOA, A. Entre a formação e a profissão: ensaio sobre o modo como nos tornamos professores. *Currículo sem Fronteiras*, v. 19, n. 1, jan./abr. 2019, p. 198-208.

OLIVEIRA, S. R. F (org.). Escolas em quarentena: o vírus que nos levou para casa. 1. ed. Londrina, PR : Editora Madrepérola, 2020. 256p.

PONZIO, A. Processos cognitivos e educação para a linguagem. São Carlos: Pedro&João Editores, 2020. 377 p.

SANTOS, MILTON. Técnica, espaço, tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

VIGOTSKI, L. S. Quarta aula: a questão do meio na Pedologia. *Psicologia USP*, São Paulo, v.21, n. 4, p. 681-701, 2010.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. *Revista Brasileira de Educação*, Jan-Abr, nº 13, p. 5-24, 2000.